



os profissionais do ano

» 5

Conheça os perfis dos 45 ganhadores do Prêmio Profissional de Tecnologia da Informação 2016.

» 38

MESA-REDONDA

Gestão de redes: como manter a segurança e promover a inovação?

NA ECONOMIA
DOS APLICATIVOS,
DIRETORES E
DESENVOLVEDORES
FALAM
A MESMA
LÍNGUA.

Saiba como em ca.com/br



A CA Technologies parabeniza os vencedores
do Prêmio Profissional de TI 2016.



Business,
rewritten by software™

EDITORIAL

hamilton penna



índice

» 5



os profissionais do ano

Os perfis dos 45 ganhadores do Prêmio Profissional de Tecnologia da Informação 2015. Com base neles, os leitores poderão votar para eleger um de cada um dos segmentos em que se divide o prêmio.

» 6
Agronegócios

» 8
Alimentos & Bebidas

» 10
Bancos

» 12
Comércio

» 14
Construção

» 16
Empresas Públicas

» 18
Finanças

» 20
Governo

» 22
Indústria de Consumo

» 24
Indústria Farmacêutica

» 26
Indústria Geral

» 28
Saúde

» 30
Serviços

» 32
Transportes & Logística

» 34
Utilities

MESA-REDONDA

» 36 **Como fazer a gestão de redes e promover a inovação?**



diretor de redação: Wilson Moherdaui
colaboradores: Ana Luiza Mahlmeister, (textos); Marcelo Max (capa e edição gráfica)

diretor comercial: Marcio Valente

Publicidade
diretoras: Sílvia Meurer e Sonia Lopes

INFORMÁTICA HOJE
é uma publicação mensal da Fórum Editorial e Eventos Ltda.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2.344 cj. 116
– Jardim Paulista
CEP 01402-900
f (55 11) 3805-0429
www.forumeditorial.com.br
Não é permitida a reprodução total ou parcial das reportagens publicadas neste jornal, sem a autorização expressa da Fórum Editorial e Eventos.

jornalista responsável
Wilson Moherdaui (MT 10.821)

impressão
Gráfica Imprima

Wilson Moherdaui
Diretor Editorial

BEM-VINDO À NOVA ERA DO OUTSOURCING

O OKI Smart MDS une equipamentos e softwares a uma equipe de especialistas para desenvolver processos de gerenciamento, distribuição e impressão de documentos. Do controle total de custos de impressão a inovadores sistemas digitais de gestão, nossa equipe está pronta para criar soluções customizadas, proporcionando mais economia, produtividade e eficiência para sua empresa.



SMART MANAGED DOCUMENT SOLUTIONS

TRANSFORME A IMPRESSÃO EM FERRAMENTAS INTELIGENTES



SMART BILLING MANAGEMENT

TENHA O CONTROLE TOTAL DOS SEUS CUSTOS



SMART DOCUMENT SHARE

MOBILIDADE E SEGURANÇA PARA SUA EQUIPE



SMART CAPTURE

CAPTURE E GERENCIE DOCUMENTOS COM EFICIÊNCIA



SMART ECM E BPM

ORGANIZE E FAÇA A MODELAGEM DA SUA INFORMAÇÃO



SMART VAREJO

UMA SOLUÇÃO COMPLETA DE CARTAZEAMENTO ELETRÔNICO



SMART ÁREA MÉDICA

O JEITO MAIS FÁCIL DE IMPRIMIR E GERENCIAR LAUDOS E EXAMES*

*As imagens impressas são destinadas apenas para uso documental.

VANTAGENS OKI SMART MDS

LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTOS COM VANTAGENS TRIBUTÁRIAS

ATENDIMENTO TÉCNICO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

INTEGRAÇÃO E ESCALABILIDADE NA MEDIDA DO SEU NEGÓCIO

GESTÃO INTELIGENTE DE SUPRIMENTOS

SOLICITE UM CONSULTOR DE NEGÓCIOS
11 3444.3561 | mps.oki1@okidata.com.br
www.okismart.com.br

@OKIDATABrasil

SMART MDS | Os melhores especialistas, a melhor impressão

Conheça os profissionais do ano



Nas próximas páginas, você vai conhecer os perfis e os principais projetos desenvolvidos pelos 45 ganhadores do Prêmio Profissional de Tecnologia da Informação 2016.

A premiação, promovida pelo *Informática Hoje* pelo 17º ano, visa destacar o talento e a competência dos profissionais de TI brasileiros.

Os premiados foram escolhidos por meio

de uma ampla consulta a um conselho de notáveis, composto por mais de 500 integrantes, entre executivos, empresários, acadêmicos e representantes de entidades do setor de TI, além dos profissionais eleitos em 2015.

Os executivos premiados estão agrupados em 15 diferentes áreas de atividade econômica: Agronegócios, Alimentos & Bebidas, Bancos,

Comércio, Construção, Empresas Públicas, Finanças, Governo, Indústria de Consumo, Indústria Farmacêutica, Indústria Geral, Saúde, Serviços, Transportes & Logística, e Utilities.

Os leitores votarão em apenas um nome de cada uma dessas áreas. Os 15 eleitos participarão de uma mesa-redonda que será publicada na edição 649 do *Informática Hoje*.

PATROCÍNIO:





agronegócios agronegócios agronegócios agronegócios

agronegócios

agronegócios agronegócios agronegócios agronegócios

Coamo

Ailton de Almeida Queiroz

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 57 anos

Tempo de empresa: 37 anos

Tempo no cargo atual: 6 anos

Tempo de carreira em TI: 31 anos

Formação acadêmica: Bacharelado em Ciências Contábeis; Pós-graduação em Contabilidade Gerencial e Auditoria; Pós-graduação em Sistemas de Informação e Internet; MBA Executivo em Gestão Estratégica e o Agronegócio (FGV).

Passatempos: Tênis, documentários e leitura.

A área de TI da Coamo Agroindustrial Cooperativa focou em iniciativas de mobilidade para os mais de 28 mil associados de 119 unidades localizadas em 68 municípios. Entre os projetos mais relevantes está o Cooperado Online, que permite ao cooperado fixar a venda da produção agrícola por meio da web em qualquer dispositivo. Um dos projetos mais inovadores da companhia, na visão do CIO, Ailton de Almeida Queiroz, foi o Mobilidade Agronomia, que permite ao agrônomo desenvolver suas atividades em um tablet. O sistema tem as informações do produtor com históricos das visitas, recomendações técnicas, laudos da evolução da lavoura – como estágios de desenvolvimento, pragas e doenças, entre outros. Também é possível imprimir a recomendação técnica no campo, com uma microimpressora sem fio. “O sistema permite trabalhar off-line onde não existe rede de comunicação e agrega valor à rotina de trabalho do agrônomo sem mudar sua cultura. Do lado do cooperado, preserva seu histórico de relacionamento, independente de qual agrônomo o atendeu, disponibiliza dados da sua propriedade e de suas safras para referência no momento da visita”, explica Ailton.

Para 2017, a empresa planeja o uso de sistemas analíticos com modelos matemáticos para otimizar a cadeia logística, ampliar o alcance do sistema Cooperado Online para novas transações financeiras e consolidar o BI para o planejamento estratégico de negócios. A Coamo conta com dois datacenters e um sistema de ERP desenvolvido internamente e que roda em estrutura virtualizada.

De acordo com Ailton, o maior desafio é o gerenciamento das pessoas, para que não ocorram bloqueios ou falta de sincronismo.

Luzia Valéria Sarno

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO
Idade: 51 anos
Tempo de empresa: 8 anos
Tempo no cargo atual: 15 anos
Tempo de carreira em TI: 28 anos
Formação acadêmica: Bacharelado em Estatística na USP e MBA Executivo Internacional
Passatempos: Livros, cinema, teatro

Maior exportadora brasileira de açúcar e etanol, com atuação nos principais mercados mundiais, a Copersucar fortaleceu neste ano sua área de operações logísticas, com novos processos e sistemas, abrangendo desde a execução até os pátios e terminais de transbordo e elevação. “Além da revisão dos processos críticos da companhia destaque como mais inovador um projeto de inteligência cognitiva para a área comercial”, afirma a CIO, Luzia Sarno.

O grande desafio da área, segundo Luzia, tem sido alavancar novos negócios ou bloquear novos entrantes, e fazer a conexão com o ambiente interno, para otimizar os investimentos na direção correta. “Aliado a isso, o fator humano, seja na própria equipe, seja na cultura geral da empresa, é um ponto crítico que foi alinhado na mesma visão e senso de urgência, contando com sistemas flexíveis para auxiliar em seu trabalho”.

Há anos toda, segundo Luzia, a infraestrutura da Copersucar é comprada como serviço, desde o datacenter até as salas técnicas dos diversos sites em um modelo de full outsourcing: “Não temos mais ativos em hardware e, onde é vantajoso, licenças também são adquiridas como serviço”. A empresa adota computação em nuvem também há vários anos para soluções de nicho já nascidas nesse ambiente, como o sistema de sustentabilidade. “Avaliamos o que é mais vantajoso financeiramente e a nuvem é a primeira escolha, caso haja empate”, aponta a CIO. Na opinião dela, o modelo permite maior disponibilidade e flexibilidade, sem a necessidade de investimentos constantes em upgrade, já que o ambiente evolui naturalmente: “Nas nossas escolhas, o custo também se mostrou mais atraente”.

Para 2017, a empresa planeja renovar o sistema de cadeia logística e implantar uma nova versão do ERP. Em cada safra é analisado o roadmap, com foco no que traz mais retorno. Por isso, segundo Luzia, nenhum business case bem estruturado deixou de ser aprovado, mesmo que em fases.

Ulisses Brilhante

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Gerente Geral de TI
Idade: 56 anos
Tempo de empresa: 19 anos
Tempo no cargo atual: 4 anos
Tempo de carreira em TI: 29 anos
Formação acadêmica: Graduado em Administração de Empresas
Passatempo: Tênis

O ano foi de muitas novidades na área de TI da Citrosuco, com a mudança do modelo tradicional proprietário para a infraestrutura em nuvem, migração realizada em um único final de semana. “Foi bastante desafiador, pois o nosso negócio funciona 24 horas por dia e 365 dias por ano, não sobrando janela para essa migração”, aponta o gerente geral de TI, Ulisses Brilhante.

Para o acompanhamento dos projetos geridos pelo CIO, foi criado o Núcleo de Gestão e Transformação Integrada, que controla e monitora inovações na empresa.

Entre os destaques, Ulisses cita a unificação da rede de dados, voz e imagem e um sistema de telemetria nas fazendas. Esse projeto contemplou a coleta de dados dos tratores que se integram ao ERP da companhia em tempo real, permitindo a tomada de decisões sobre investimentos e orçamento. “Toda a área de tecnologia da Citrosuco foi transformada, com a terceirização de 100% dos processos e hoje nosso principal desafio é fazer a gestão dos fornecedores com apenas oito colaboradores, a estrutura atual da área”, conta Ulisses.

Nesse cenário o papel do CIO continua fundamental como agente de mudança, acompanhando as transformações digitais em todas as áreas da organização. “Precisamos antecipar riscos e alinhar as estratégias do negócio”, afirma. A área está agora criando uma arquitetura de informações para explorar o melhor do Big Data que a empresa vai implantar em breve, e analisando parceiros para trazer soluções inovadoras ao negócio.

De acordo com Ulisses, com a implantação da governança serão adotados novos processos de segurança com suas devidas políticas: “Como terceirizamos toda a área de TI, a segurança é uma preocupação que sempre teremos com os nossos fornecedores de serviços de tecnologia e em todas as áreas da companhia”. No ano que vem, ele diz, a empresa vai manter os investimentos na infraestrutura de tecnologia e bens de capital.



Brasil Kirin

Claudia Pessoa de Miranda

Prêmio Profissional de TECNOLOGIA da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretora de TI

Idade: 52 anos

Tempo de empresa: 3 anos

Tempo no cargo atual: 3 anos

Tempo de carreira em TI: 30 anos

Formação acadêmica: Bacharelado em Matemática aplicada à Computação - Unicamp

Passatempo: Corrida de rua

Em um mercado competitivo como o de bebidas, a fabricante Brasil Kirin, que opera diversas marcas, subsidiária do grupo global Kirin Holdings Company, apostou em projetos de planejamento orçamentário e gestão comercial para racionalizar investimentos em tempos de crise econômica. “O mercado total de cervejas e refrigerantes caiu em relação ao ano passado, impondo a todas as empresas fazer mais com menos”, afirma a diretora de TI, Claudia Pessoa de Miranda.

Segundo Claudia, a integração do ERP com o sistema de planejamento orçamentário permite a gestão de promoções junto ao ponto de venda, administração de verbas e a verificação dos resultados dessas iniciativas. O sistema foi atualizado no conceito de software como serviço (SaaS), que antes era feito em várias planilhas e áreas separadas. Essa consolidação permite fazer previsões de vendas por região, por meio da integração ao sistema de produção, simulando volumes por categorias de bebidas e seu resultado final no orçamento, com maior eficiência na produção. A empresa também implantou sistemas móveis para a avaliação das vendas.

A Brasil Kirin adotou o conceito de TI bimodal, trabalhando de forma mais ágil em desenvolvimentos pontuais, na criação de aplicativos móveis para determinadas áreas, e está incrementando o uso de software como serviço. Mantém dois datacenters junto à fábrica em Itu, no interior paulista, sendo um deles de backup. “O sistema de planejamento dentro do conceito de SaaS permitiu acompanhar a performance das pessoas e o orçamento em paralelo”, garante Claudia. A empresa prevê migrar os sistemas críticos para a nuvem até o final de 2018, adotando o modelo híbrido, com processos no datacenter interno e outros alocados externamente, tanto o ambiente transacional quanto os sistemas de segurança. “Como trabalhamos em um mercado sazonal, com variações no pico de vendas e produção, o ambiente de nuvem permite maior flexibilidade, sem ter que mobilizar infraestrutura extra”, diz Claudia.



Soluções para negócios digitais

Escolher o parceiro adequado pode ser decisivo em um ambiente de negócios globalizado e inserido na economia digital.

Ao longo de 20 anos, a **MAGNASISTEMAS** tem oferecido soluções integradas, eficazes e aderentes às diferentes necessidades de seus clientes, sempre com foco em negócios digitais.



Conheça mais sobre a **MAGNASISTEMAS**!



SÃO PAULO | BRASÍLIA | RIO DE JANEIRO

www.magnasistemas.com.br | comercial@magnasistemas.com.br

Daniel Augusto Simon

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Gerente de Infraestrutura de TI

Idade: 37 anos

Tempo de empresa: 16 anos

Tempo no cargo atual: 10 anos

Tempo de carreira em TI: 20 anos

Formação acadêmica: Graduado em Redes de Computadores e Pós-Graduado em Governança de TI

Passatempo: Mergulho

A M. Dias Branco, que atua na fabricação de biscoitos e massas e nos segmentos de moagem de trigo, refino de óleo, gorduras, margarinas e cremes vegetais, reforçou projetos de infraestrutura em segurança da informação e a incorporação de sistemas de novas unidades. Em 2016, a empresa preparou os datacenters para receber ferramentas e sistemas de proteção, com o objetivo de mitigar os riscos gerados por novas tecnologias. “Nosso principal projeto foi a atualização tecnológica dos datacenters, que triplicou a capacidade de processamento e adaptou a infraestrutura para receber clientes Linux, reduzindo as despesas com licenciamento de forma expressiva”, afirma Daniel Augusto Simon, gerente de Infraestrutura de TI. Essa estratégia proporcionou tanto a redução de custos diretos quanto o custo total de operação (TCO), devido ao nível de automação e customização da plataforma. “Criamos uma solução diferenciada, quebrando diversos paradigmas existentes no mercado”, diz.

Os novos projetos da empresa, segundo ele, estão direcionados à ampliação do uso de dispositivos móveis, à preparação para o conceito de indústria 4.0 e à automação de processos de negócios: “A área de TI está atuando em conjunto com a engenharia na análise de viabilidade da implementação do conceito de indústria 4.0 em uma de nossas plantas, discutindo a infraestrutura necessária para suportar as novas implementações e identificando as oportunidades de ganho para o negócio”.

A empresa tem uma estrutura de datacenters próprios e usa soluções em nuvem para algumas aplicações específicas. “Para o nosso usuário, a utilização de um sistema hospedado em nosso datacenter e dos serviços em nuvem é transparente. Como usamos diversos conceitos de nuvem privada, conseguimos fazer o provisionamento de novos sistemas rapidamente e com um nível de disponibilidade de infraestrutura de mais de 99,97%”, garante Daniel.

Fernando Brocaneli

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO Brasil

Idade: 52 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 33 anos

Formação acadêmica: Analista de Sistemas e Administrador de Empresas

Passatempo: Pesca esportiva

A área de tecnologia da Bunge atua em cerca de 40 projetos por ano, alinhados às estratégias dos negócios para alavancar o crescimento e proporcionar reduções de custos. Em 2016, além dos projetos para expansão do sistema de ERP, a área atuou na gestão comercial para commodities e sistemas proprietários para logística, com a implantação de requerimentos legais e fiscais. Os maiores destaques nos últimos anos foram aqueles relacionados a fusões, aquisições e inaugurações de novas unidades produtoras. “A área de TI vem expandindo sua participação nos projetos, iniciando os trabalhos ainda no momento das obras civis, definindo a infraestrutura necessária, agregando sistemas de produção, de gestão e de mobilidade”, afirma o CIO, Fernando Brocaneli.

O projeto de construção do maior moinho de trigo da América Latina, inaugurado em outubro, em Duque de Caxias (RJ), a área entregou processos de importação, logística e transporte, comercial, mobilidade, sistemas administrativos e centro de serviços compartilhados.

Para dar suporte às adaptações necessárias à conjuntura de crise econômica, foi criado um comitê de TI, composto pelos principais líderes dos negócios da empresa, como base para a tomada de decisões por consenso.

A Bunge tem datacenters próprio e terceirizado e projetos de computação em nuvem, direcionados para ações mais pontuais e em processos de menor custo. “A era das conversões, dos grandes projetos de implementação de ERP e automações para substituição dos processos manuais deu espaço aos CRMs e virtualizações da infraestrutura em geral. Os software tratados como serviços (SaaS) trazem reduções de complexidade da TI, assim como redução de investimentos em ativos e suas implicações”, lembra Fernando.

Para a força de vendas, segundo ele, foi implantado um sistema de automação desenvolvido para diferentes políticas comerciais: “Esse projeto envolve centenas de representantes de vendas com dispositivos móveis e que não dependem do ERP para a criação de um pedido de venda ou criação de um novo cliente”.



Prêmio Profissional de TI 2016 O prêmio é nosso.

Trabalhar com os melhores profissionais de seu segmento e participar de seu reconhecimento é o nosso maior prêmio.

**Parabéns a todos os vencedores do
Prêmio Profissional de TI 2016 por mais
esta conquista.**

A Dedalus tem orgulho de fazer parte
desta história.





bancos bancos bancos bancos bancos bancos bancos bancos

bancos

bancos bancos bancos bancos bancos bancos bancos bancos

Caixa Econômica Federal

Roberto Nogueira Zambon

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretor Executivo de TI

Idade: 55 anos

Tempo de empresa: 29 anos

Tempo no cargo atual: 10 anos

Tempo de carreira em TI: 23 anos

Formação acadêmica: Sociologia

Passatempos: Música, livros e corrida

A revisão das operações da área de TI para incorporar processos capazes de responder ao dinamismo da transformação digital foi, nas palavras dele próprio, a missão de Roberto Nogueira Zambon, diretor executivo de TI da Caixa Econômica Federal, neste ano. Foi necessário aperfeiçoar os processos de governança para adotar conceitos mais modernos de gestão como a TI bimodal, o desenvolvimento ágil de software (em inglês Agile Software Development – estrutura conceitual que rege projetos de engenharia de software) e DevOps que alinha o time de desenvolvimento de operações. “Como todos os gestores, de todas as áreas, precisam de algum nível de automação, a TI rompe fronteiras dando agilidade na construção das soluções, com mais capacidade de inovação, fazendo a ponte entre a tecnologia e o negócio e vice-versa”, diz Zambon. Em 2016, o esforço para a redução do Opex (despesas operacionais) foi gigantesco, obrigando à priorização de projetos voltados ao ganho de eficiência e redução de custos.

Na transformação do banco analógico em digital, a área planeja a redefinição das principais arquiteturas como barramento de serviços, segurança, revisão da plataforma de serviços móveis e modernização do sistema de documentação. Embora a Caixa tenha as maiores bases de dados de clientes do país, operando PIS, Bolsa Família e FGTS, Zambon acredita ser necessário modernizar os sistemas para “começar a desenhar os megaprojetos de Big Data”.

Faz parte da estratégia estabelecer dinâmicas de integração com os processos de negócios das fintechs, formatando um ecossistema que tenha como princípio orientador a conjunção da melhor experiência do cliente e a segmentação de seu público, não mais pelos conceitos tradicionais de renda e idade, mas de afinidade no uso de tecnologias e visão de mundo.

De acordo com ele, a mudança na lei de licitações neste ano deverá permitir que a Caixa estabeleça seu próprio regime de contratações, levando em conta não só o menor preço mais a qualidade da solução com implantações mais ágeis, colocando o banco público em pé de igualdade com outras grandes instituições financeiras.

Walkiria Schirrmeister Marchetti

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretora Executiva

Idade: 56 anos

Tempo de empresa: 35 anos

Tempo no cargo atual: aproximadamente 2 anos

Tempo de carreira em TI: 35 anos

Formação acadêmica: Graduada em Matemática, com especialização em Análise de Sistemas pelo Mackenzie e MBA Banking pela Fundação Instituto de Administração - FIA.

Passatempos: Jardinagem, artesanato e decoração

Wanderley Baccalá

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor de Tecnologia

Idade: 42 anos

Tempo de empresa: 3 anos

Tempo no cargo atual: 1 ano

Tempo de carreira em TI: 20 anos

Formação acadêmica: Bacharel em Ciência da Computação pela UFSCar, Pós-Graduado na FGV, MBA na Boston School e Universidade de Toronto.

Passatempos: Viajar, praticar judô e outros esportes

Para a área de TI do Bradesco, 2016 foi um ano de trabalho intenso em três frentes: integração com os sistemas do HSBC Brasil, evolução de produtos e serviços existentes, e investimento na transformação digital. À frente dessas iniciativas, Walkiria Marchetti, diretora executiva, trabalha com um orçamento anual de R\$ 6,5 bilhões, sendo R\$ 1 bilhão para infraestrutura, incluindo equipamentos de autosserviço como as ATMs e sistemas do ambiente das agências; e R\$ 1 bilhão no desenvolvimento de mais de 1,1 mil projetos implementados nas três verticais. Durante 11 meses, a área se debruçou sobre a evolução dos sistemas do HSBC, atualizados e adaptados ao ambiente do Bradesco, culminando nos últimos 100 dias com a integração das plataformas, sem afetar a experiência dos clientes. Em um final de semana de outubro, começando em uma sexta-feira, 5 milhões de contas-correntes do HSBC foram migradas, e na segunda-feira os clientes já podiam obter saldos e extratos nas agências do Bradesco e nas 850 do HSBC que ganharam nova marca. Em outra frente, a da evolução dos serviços, 94% dos clientes já usam algum canal digital, e a missão da área de TI foi incrementar serviços móveis além da mera consulta do saldo. “Hoje, 59% dos correntistas fazem depósito pelos canais digitais, incluindo o celular”, diz Walkiria. A vertical de transformação digital, segundo ela, vem ganhando espaço no banco desde 2015, resultado do investimento em várias camadas de serviço no projeto conhecido como BRAS - Bradesco as a Service tendo como centro a experiência do cliente: “Seguimos a tendência de integrar outros serviços, além dos financeiros, à plataforma do banco, como o das fintechs”. Outra aposta é na computação cognitiva, com a implantação do Watson, da IBM, no atendimento de dúvidas e informações para funcionários internos das 9 mil agências. Essa experiência está formando um banco de conhecimento que proverá as agências de informações em um projeto conhecido como BRIA – Bradesco Inteligência Artificial que ampliará consultas para todas as áreas do banco e para os clientes.

Enquanto os bancos migram suas plataformas para ofertas cada vez mais digitais, outras instituições financeiras já nascem com essa vocação, propondo o fim das agências. É o caso do Banco Original, que lançou serviços para pessoa física em março, fruto de um trabalho de dois anos de planejamento. A meta do banco de abrir 100 mil contas no primeiro ano de operação se cumpriu nos primeiros seis meses. “Tivemos um cuidado especial no desenho da arquitetura tecnológica para ser flexível, escalável e atender demandas de negócios na velocidade adequada, com foco na comodidade do cliente que quer se relacionar com o banco apenas por canais digitais”, diz o diretor de tecnologia, Wanderley Baccalá. Essa nova arquitetura tem como foco prover um banco 100% digital tanto para os clientes, quanto para os funcionários internos. “Nosso processo mais inovador foi viabilizar a abertura da conta 100% on-line, o que representou uma ruptura no mercado bancário, atendendo a regulamentação e permitindo um processo bem simples e intuitivo ao cliente com segurança maior do que a forma presencial”, garante Baccalá. A captura das informações, a validação da imagem do cliente e a análise de informações de bases de dados externas têm algoritmos que suportam processos antifraude em uma esteira automatizada. Parte importante da solução é baseada em sistemas analíticos, com o tradicional BI e processos mais sofisticados como o Big Data. A partir de dados sobre o comportamento dos correntistas nos canais digitais e redes sociais, o banco desenvolve ofertas focadas nas necessidades dos diferentes públicos, além de criar estratégias de comunicação. De acordo com Baccalá, o Banco Original adotou o conceito de TI bimodal, em que o negócio e a tecnologia estão na mesma estrutura alinhando produtos e serviços e diminuindo o time to market. O banco tem datacenter próprio e um site para backup, usa nuvem interna e externa para diversos processos.

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO

Passatempos: Viajar e brincar com a filha

A tendência, segundo ele, é que toda a tecnologia seja encarada como serviço, com menos ativos e mais custo variável, onde os diversos departamentos pagam apenas pelo uso, com informações disponíveis de forma mais transparente

Fábio Mota

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Nome:	Fábio Mota
Cargo:	Diretor de TI
Idade:	37 anos
Tempo de empresa:	7 anos
Tempo no cargo atual:	5 anos
Tempo de carreira em TI:	16 anos
Formação acadêmica:	Graduado em Engenharia de Produção pela FEI, Pós-Graduado em Administração Geral pela FGV/EAESP e PMD pelo ISE/IESE
Passatempo:	Viajar com a família

A área de TI da Raízen faz parte do Centro de Serviços Compartilhados (CSC), que presta serviços às empresas do Grupo Cosan, incluindo a Raízen Energia, Raízen Combustíveis/Shell, Comgás, Cosan Lubrificantes e Especialidades/Mobil, Comgás e Rumo. “As atenções neste ano foram dirigidas para as áreas de mobilidade para B2C e público interno (funcionários), soluções de otimização, Internet das Coisas (IoT) e analytics”, aponta Fábio Mota, diretor de TI da Raízen. Ele destaca o projeto Pentágono, para controle, monitoramento e otimização de processos agrícolas como o mais inovador. Em Piracicaba, no interior paulista, 40 profissionais da Raízen controlam quase 400 colhedoras, espalhadas pelos canaviais que abastecem as 24 usinas da empresa. Em mobilidade, diversas iniciativas estão em andamento. Uma delas, a Shell Box, está mudando a forma como os clientes dos postos se relacionam com a marca. A empresa lançou recentemente em Goiânia (GO) e em algumas cidades do Rio de Janeiro e interior de São Paulo um aplicativo para pagamento e promoções. As próprias bombas de gasolina fazem a cobrança e o cliente paga pelo smartphone, desde que tenha o app Shell Box instalado e uma conta do PayPal. “O Shell Box tem como objetivo potencializar a experiência do consumidor Shell, que terá benefícios exclusivos, participando de promoções inéditas pelo celular, usufruindo do serviço de localização de postos Shell mais próximos, além da funcionalidade de pagamento do abastecimento via PayPal”, diz Fábio. O grupo conta com datacenter próprio e infraestrutura em nuvem. Em projetos mais previsíveis e ritmo mais constante, a opção é pelo centro de dados próprio. Já as demandas mais elásticas, segundo Fábio, vão para a nuvem: “Hoje, mais do que uma área provedora de sistemas e infraestrutura, somos também provocadores do negócio”. O Centro de Serviços Compartilhados, de acordo com ele, tem um programa corporativo de inovação e uma estrutura dedicada para o relacionamento e fomento do uso do ecossistema de incubadoras, aceleradoras, venture capital, startups e centros de pesquisa.

Jesus de Francisco Garcia

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo:	CIO
Idade:	51 Anos
Tempo de empresa:	1 ano e meio
Tempo no cargo atual:	1 ano e meio
Tempo de carreira em TI:	28 anos
Formação acadêmica:	Engenheiro Elétrico com especialização em Administração de empresas (FGV)
Passatempos:	Filmes/Cinema

A migração da plataforma de e-commerce para suportar eventos de grande volume de acessos, como a black Friday, com aumento de disponibilidade e redução de custos, mobilizou as atenções da área de TI da Livraria Cultura. O projeto teve por conceito a otimização do uso de licenças de software de e-commerce e do uso de hardware dedicado, o que melhorou o tempo de resposta, além de reduzir o custo total de propriedade, com a utilização de menos licenças de software. “O resultado foi uma solução que entrega três vezes mais page views por segundo com menor custo de hardware e software e mais qualidade”, diz o CIO Jesus de Francisco Garcia. Entre os projetos mais importantes para a livraria neste ano destaca-se o de busca avançada pela cor da capa do livro e recomendações de leitura, que tiveram como objetivo trazer a experiência do cliente da loja física para a on-line, fortalecendo o conceito de omnichannel. A complexidade do projeto pode ser avaliada por um número impressionante: a Livraria Cultura tem 8,5 milhões de itens ativos em seu catálogo. O projeto é voltado tanto para o cliente que sabe o que procura, quanto para aquele que não tem muita precisão na descrição. Pensando nesses perfis, a área de TI desenvolveu uma ferramenta que faz a leitura das cores predominantes das capas de cada um dos livros em catálogo e seu respectivo percentual de incidência. “Dessa forma, rodamos previamente essa ferramenta, simplificando a implementação, combinando cores predominantes na capa e palavras chaves na busca”, explica o CIO. “Temos investido em um conceito chamado internamente de inteligência aplicada, que se destina a extrair e utilizar melhor as informações internas em favor dos objetivos de negócio e atendimento de nossos clientes, trabalhando com dados massivos no conceito de Big Data”, ressalta. A infraestrutura da Livraria Cultura conta com um datacenter Tier-III, a maior classificação disponível no Brasil, com a maior parte dos sistemas em nuvem e outra em servidores dedicados e redundantes, além de sistemas contratados no modelo de software como serviço (SaaS).



construção

Gafisa

Jane Ricci Noronha

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretora de TI

Idade: 53 anos

Tempo de empresa: 7 anos

Tempo no cargo atual: 7 anos

Tempo de carreira em TI: 32 anos

Formação acadêmica: Computação, Administração de Empresas e MBA Executivo Internacional

Passatempos: Viagens, cinema, leitura e windsurfe

Em um mercado imobiliário em crise, inovação é um diferencial importante. A área de TI da Gafisa, uma das líderes do mercado imobiliário brasileiro, com foco em empreendimentos comerciais e residenciais de médio e alto padrões, priorizou processos que auxiliam as vendas e fidelizam o cliente. Entre eles se destaca o Projeto de Captação de Leads e Prospects, além do desenvolvimento de um Simulador de Propostas de Vendas para Corretores, criado no ano passado. “O grande desafio da TI no nosso segmento é sempre a constante redução de custos”, afirma a diretora de TI, Jane Ricci Noronha. O período foi particularmente complicado na Gafisa, segundo Jane, pela demora da cisão de operações com a empresa Tenda, que está em andamento e se estendeu muito além do previsto: “Avaliamos que 2017 será um ano bem mais fácil, com mais foco na operação da marca Gafisa”. A empresa deve dar prioridade a projetos de vendas, marketing e captação de clientes. Para facilitar o trabalho dos executivos e equipe de vendas, a Gafisa conta com um sistema de aprovação de vendas por alçada e aprovação de processos do ERP que funciona no smartphone, dando mais mobilidade aos funcionários. Todos os sistemas estão alocados em um datacenter terceirizado com um provedor internacional e alguns sistemas em nuvem. O backup de obras, que, segundo Jane, sempre foi um desafio para a empresa, foi para um provedor externo: “Alguns serviços funcionam melhor e têm menor custo na nuvem. A operação tem que ser uniforme para todos os processos e, sempre que necessário, privilegiar a geração de receita e proteção a riscos”.

A Gafisa, que já entregou mais de mil empreendimentos, lançou no final deste ano sua última campanha de vendas destinada a unidades remanescentes, batizada de Olho no Olho, tendo como objetivo envolver pessoas através das redes sociais e convidando seus seguidores a participem de Lives de conteúdo e, posteriormente, garantam benefícios para comprar seu imóvel.

*Roberto Nakamoto*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** CIO**Idade:** 45 anos**Tempo de empresa:** 5 anos**Tempo no cargo atual:** 5 anos**Tempo de carreira em TI:** 26 anos**Formação acadêmica:** Engenharia de Eletricidade pela Escola Politécnica da USP e especialização em Administração de Empresas pela FGV-SP.**Passatempo:** Brincar com os filhos

O principal projeto da área de TI da Cyrela este ano foi a revisão de toda a estrutura de custos, para se adequar à nova realidade e tamanho da empresa. Isso garantiu uma estrutura mais enxuta de custos na área administrativa e uma nova arquitetura de TI, flexível e ágil, para acompanhar seu crescimento futuro. Esse projeto envolveu toda a equipe e parceiros de tecnologia, bem como as áreas de negócio. “Como resultado, a Cyrela tem hoje uma estrutura arejada e mais simples, com custos menores”, garante o CIO, Roberto Nakamoto.

Um dos projetos de destaque no ano, de acordo com ele, foi a consolidação de todas as informações relacionadas a clientes em um único sistema: “Implantamos um sistema com visão 360 graus do cliente, propiciando maior agilidade e precisão na consulta das informações por todas as áreas de negócio da empresa”. O aplicativo de atendimento a clientes implantado pela área de TI permite que eles consultem sua posição financeira, andamento da obra, iniciem renegociação ou antecipação, e registrem chamados de assistência técnica.

Outro projeto de destaque foi a automação do controle de tributos da empresa. Utilizando um módulo do próprio ERP, adaptado especificamente para a legislação brasileira, processos foram simplificados tornando mais ágil a apuração e conferência das informações.

Roberto acredita que o principal desafio do ano foi rever todos os contratos de TI para serem readequados à nova realidade da empresa, o que demandou esforço de toda a equipe junto aos vários fornecedores de serviço.

A Cyrela usa datacenter de terceiros em um modelo de nuvem privada. Internamente, usa cloud híbrida, onde os principais sistemas legados foram convertidos para nuvem privada e alguns serviços e aplicações para cloud pública.

Alguns projetos importantes de mobilidade foram desenvolvidos nos últimos 12 meses como o lançamento do portal de corretores para a força de vendas. Através de tablets e smartphones, o corretor consegue atender o potencial comprador de um apartamento Cyrela.

*Rogério Prado Pires*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** CIO**Tempo de empresa:** 3 anos**Tempo no cargo atual:** 3 anos**Tempo de carreira em TI:** 25 anos**Formação acadêmica:** Administração de Empresas e MBA em Gestão de Negócios e TI**Passatempos:** Cinema, leitura e música

Com unidades de negócios nos segmentos de incorporação, varejo, shopping center, hotel, restaurante e até aeroporto executivo em fase de construção, a JHSF investiu na integração de suas informações em uma plataforma robusta, com a implantação de um novo ERP. “Esse projeto foi o maior desafio do ano, pelo curto espaço de tempo – apenas sete meses –, e com tecnologia totalmente nova para a empresa”, diz o CIO Rogério Prado Pires. O projeto teve como base a modernização da infraestrutura, com a atualização de servidores e o sistema de virtualização, e a implantação do software de CRM na nuvem. Neste ano, a área de TI também trabalhou em um novo software de controle de recebíveis para a área de incorporação e uma solução de BPM (Business Process Management).

A implantação do ERP implicou a integração de diversas aplicações, a captura dos requisitos de cada unidade de negócio e a padronização dos processos do backoffice, além do treinamento de 500 usuários. Tudo isso, segundo Rogério, utilizando a versão standard do sistema, ou seja, sem customização.

A JHSF tem um datacenter próprio, mas a ideia, de acordo com o CIO, é usar cada vez mais soluções em nuvem, a exemplo das aplicações de CRM e e-mail, que já estão nesse modelo: “Hoje os requisitos de negócios exigem mobilidade, as pessoas precisam ter acesso às informações de forma rápida e segura, independente de estarem ou não no escritório”. Os funcionários têm acesso às informações do ERP, CRM e e-mail nos diferentes dispositivos móveis como smartphones e tablets.

Para 2017 está na agenda da área de TI migrar sistemas para nuvem, melhorar o ERP e atualizar o CRM. A área também vai avaliar uma solução de Big Data em conjunto com o sistema de Business Intelligence, para ajudar as unidades de negócios a melhorar o atendimento ao cliente. “Não existe mais espaço para longos projetos, é preciso ter uma equipe de TI diferenciada e qualificada que além de ter o conhecimento técnico precisa de um excelente conhecimento do negócio, ser proativa e se antecipar às demandas dos usuários”, completa Rogério.



empresas públicas empresas públicas empresas públicas

empresas públicas

empresas públicas empresas públicas empresas públicas

Procergs

Antonio Ramos Gomes

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Foto: divulgação

Cargo: Diretor-Presidente

Idade: 69 anos

Tempo de empresa: 10 anos

Tempo no cargo atual: 2 anos

Tempo de carreira em TI: 44 anos

Formação acadêmica: Economia

Passatempos: Ler, praticar Pilates e cuidar dos netos.

Como indutora da inovação do serviço público, a Procergs (Companhia de Processamento de Dados do Estado do Rio Grande do Sul) é responsável pelo Governo Digit@l RS, uma plataforma de serviços da administração pública estadual orientada a documentos eletrônicos e certificação digital. O sistema virtualizou processos internos que eram manuais, fornecendo dados para a construção do Processo Administrativo Eletrônico, solução que inclui a digitalização do Diário Oficial, e vai permitir uma economia anual de R\$ 6,2 milhões, de acordo com o diretor-presidente, Antonio Ramos Gomes.

Para maior eficiência do atendimento ao cidadão, o projeto TudoFácil RS foi gradualmente colocando serviços disponíveis na Internet e dispositivos móveis. Outro projeto em andamento é o de Identificação Digital do Cidadão, com iniciativas junto ao Detran/RS, Sefaz-RS e TudoFácil, que dá mais segurança às pessoas que acessam o serviço público por meio digital.

A imensa base de dados administrada pela Procergs deu início a um projeto de Big Data para o uso inteligente das informações do governo, por meio de pesquisas e cruzamento de dados. "Esse sistema vai auxiliar no combate à sonegação fiscal e na detecção de fraudes em áreas como saúde e segurança pública", destaca Antonio.

Vários projetos da Procergs tiveram como foco as tecnologias móveis como o da Companhia Rio-Grandense de Saneamento, com o Sistema Móvel de Serviços, que usa ferramentas digitais para o recebimento de demandas pelas equipes em campo. Outro é o Sistema de Informatização dos Centros de Desmanche de Veículos Automotores, Comércio de Peças Usadas e Reciclagem de Sucatas - GID Desmanches, que permitiu maior fiscalização na compra e venda de peças para coibir o furto e roubo de veículos.

Antonio cita ainda um projeto na área da transparência, o Pils R\$, para dispositivos móveis, que reúne informações da Sefaz-RS e permite a verificação e fiscalização das despesas e receitas do governo do estado, ao mesmo tempo em que estimula a participação do cidadão na gestão e no controle da administração pública.

Osvaldo Antonio Pazianotto

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 58 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 32 anos

Formação acadêmica: Engenharia Eletrônica

Passatempos: Viagens, culinária, vinhos e rock/blues

O crescimento populacional desordenado, o elevado índice de perda de água em sua distribuição (31,2%), ameaças ecológicas, desastres naturais e alterações climáticas exigem uma gestão inteligente da água. TI e saneamento devem caminhar cada vez mais próximos, com, entre outras medidas, a adoção de sensores inteligentes nas tubulações de água. A Sabesp entrou na era da Internet das Coisas com o desenvolvimento de uma plataforma para aprimorar o processo de automação da telemetria. “É importante destacar que não se trata apenas de um processo de atualização tecnológica, mas uma revolução do ponto de vista sistêmico, tecnológico e de processos, adotando recursos de ponta e melhores práticas para gestão de infraestrutura e governança corporativa, sem os quais não seria possível a realização de um projeto dessa magnitude em um curto espaço de tempo”, afirma o CIO, Osvaldo Antonio Pazianotto. A plataforma integra funcionalidades de localização física por meio de chips de dados geo-referenciados, controle de inventário, configuração de alarmes e monitoramento da conexão e do tráfego. No âmbito do saneamento básico, permite a adoção de equipamentos autônomos para medição do nível dos reservatórios, consumo de água em tempo real, identificação de potenciais vazamentos por desvio do padrão de consumo ou divergência entre o volume de água disponibilizado e consumido na região, apoio aos serviços de campo com tecnologia móvel, monitorando o tempo de atendimento aos chamados, e otimização de rotas dos técnicos de campo. “Para dar conta desses processos, a Sabesp investiu em infraestrutura de data-center, armazenamento, cloud computing, telecomunicações, mobilidade, segurança da informação e modernização dos sistemas corporativos”, conta Pazianotto. Ele explica que o projeto teve como premissa garantir a resiliência de negócio por meio de um ambiente de tecnologia mais flexível, dinâmico e seguro, capaz de absorver e processar o grande volume de dados gerados pelos diferentes dispositivos: “Tudo isso é essencial para uma empresa que é responsável pelo tratamento e distribuição de água para 27,7 milhões de pessoas em 366 municípios do Estado de São Paulo”.

Samuel Pereira Araújo

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor-Presidente

Idade: 38 anos

Tempo de empresa: 8 anos

Tempo no cargo atual: 2 anos

Formação acadêmica: Bacharel em Administração e Mestre em Finanças Corporativas

Passatempos: Andar de bicicleta e passear com a família

Para dar maior produtividade ao serviço público estadual, a Prodeb (Companhia de Processamento de Dados do Estado da Bahia) implantou o Projeto Banda Larga da Bahia, considerado crítico para o desenvolvimento socioeconômico do estado. De acordo com o diretor-presidente, Samuel Pereira Araújo, de olho no futuro, a empresa reposicionou estratégias baseadas em computação em nuvem, para entregar novos projetos como as plataformas de governo digital, biometria, cidades inteligentes e governança de ecossistemas: “São iniciativas que têm como objetivo inovar nas áreas-fim do governo como educação, saúde e segurança pública”. O acesso a informações de forma transparente norteou projetos para tecnologias móveis como o SAC Mobile, aplicativo desenvolvido para o Serviço de Atendimento ao Cidadão, que permite verificar a disponibilidade de atendimento no posto mais próximo, fazer o agendamento, receber informações de localização e distância, saber a melhor rota e tempo previsto para chegar ao posto onde será feito o atendimento, registrar a chegada e obter uma senha eletrônica, evitando assim a necessidade de atendimento na recepção e impressão de senha. Permite também o acompanhamento eletrônico da fila de atendimento, consultar documentos necessários, acesso à Ouvidoria Geral do Estado, além de notícias e avisos. Para 2017, a Prodeb planeja a implantação do projeto Cidadão 360, dentro do escopo do Governo Eletrônico (e-Gov), com sistemas mais interativos na prestação de serviços públicos. “Também iniciaremos em janeiro de 2017 a operação do RH Bahia, em apoio à Secretaria de Administração, com o objetivo de prover a Bahia de uma gestão eficiente de pessoas, contemplando os 63 órgãos, englobando a Administração Direta e Indireta”, explica Samuel. Está planejada para 2017 a ampliação da capacidade do datacenter, que vai operar como cloud híbrida. O centro de dados próprio funcionará como nuvem privada e poderá ser contratado pelo governo do estado como nuvem pública.



finanças

Alelo

Danilo Zimmermann

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretor Executivo de Operações e Tecnologia

Idade: 41 anos

Tempo de empresa: 3 anos

Tempo no cargo atual: 3 anos

Tempo de carreira em TI: 20 anos

Formação acadêmica: Engenharia de Computação pela UFSCAR, Pós-graduação em Administração pela Mauá e MBA Executivo Internacional pela FIA

Passatempos: Futebol, tênis e cinema

A Alelo – empresa fornecedora de cartões-benefício e pré-pagos – seguiu o rumo da transformação digital concretizado em diversos projetos, como novos canais e tecnologias de segurança. O diretor executivo de Operações e Tecnologia, Danilo Zimmermann, destaca o lançamento da plataforma Meu Alelo, um canal de relacionamento digital com o usuário dos cartões; o lançamento do Alelo Pagamentos, produto pré-pago para pessoa jurídica, para pagamento de salário sem necessidade de conta em banco; e o Alelo Pronto, voltado para o adiantamento salarial, todos disponíveis por meio de aplicativo no celular: “Um dos nossos desafios foi implantar uma carteira muito grande de projetos com cerca de 60% do orçamento aprovado no início do ano, mas 40% contingenciado após esse período, e manter os riscos controlados em um cenário de lançamento de novos canais digitais”.

A área de TI trabalhou também na abertura da captura de transações em equipamentos de outras bandeiras como Rede, Getnet, FirstData e Elavon. Até então, os cartões alimentação e refeição da Alelo só passavam nas máquinas da Cielo. Para o ano que vem, estão previstos o lançamento de um novo produto financeiro para o varejo e um projeto de pagamento móvel por meio de cartão virtual. “Vamos lançar ainda uma nova unidade de negócios no mercado de transportes, a TAG-Pedágio”, antecipa Danilo.

Colocar a inovação no dia a dia da companhia, segundo ele, foi prioridade, seguindo o conceito de TI bimodal: “Essa estratégia incluiu a implantação de uma área de inovação na empresa que incentiva e gerencia ideias, tem comitês táticos e executivos de inovação e administra provas de conceito e modelos beta com implantações ágeis”. Em 2017 esse conceito será expandido com a adoção da metodologia Agile para o desenvolvimento de projetos. Outro destaque foi o avanço na adoção de sistemas móveis. Antes do lançamento do app Meu Alelo, os usuários se relacionavam com a empresa apenas pelo portal ou call center. “Em nossa indústria, TI se confunde com o próprio negócio e esse papel protagonista já acontece há algum tempo na formulação da estratégia da Alelo”, diz Danilo.

*Mauro Negrete*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** Diretor executivo de Operações e TI**Idade:** 57 anos**Tempo de empresa:** 8 anos**Tempo no cargo atual:** 8 anos**Tempo de carreira em TI:** 30 anos**Formação acadêmica:** Físico, pós-graduado em Sistemas de Informação e MBA**Passatempo:** Fotografia

Como integradora do mercado financeiro, a Cetip dedicou-se neste ano ao desenvolvimento de uma plataforma para integrar as operações de crédito imobiliário originadas pelas instituições financeiras com cartórios, avaliadores de imóveis, reguladores e agentes do mercado secundário. Além do desenvolvimento de algumas funcionalidades do sistema de avaliação de imóveis e outros produtos para o mercado de financiamentos de veículos, a área de tecnologia também atualizou a infraestrutura, com a transferência de dois datacenters para provedores externos.

Mauro Negrete, diretor executivo de Operações e TI, destaca o desenvolvimento da Cetip Plataforma Imobiliária como um dos projetos mais inovadores, com funcionalidades que reduzem os tempos exigidos para a execução de algumas atividades na cadeia de crédito imobiliário, maior nível de padronização e automação.

Em 2017, a empresa planeja dar continuidade ao Projeto Imobiliário, com a ampliação de seu escopo, a revisão da arquitetura tecnológica e de aplicações, a reestruturação do modelo de governança de dados e a ampliação da oferta de produtos de inteligência de mercado, além da extensão de suas funcionalidades para a área de financiamentos de veículos. "Hoje um percentual relevante das receitas da Unidade de Financiamentos da Cetip resulta de produtos de inteligência de mercado e pretendemos ampliar essa oferta explorando ainda mais as tecnologias de Big Data", diz Mauro. "A aplicação dos conceitos de TI bimodal para os nossos negócios é fundamental para mantermos flexibilidade na criação de produtos adequados a um mercado que exige altos níveis de segurança". Por essa razão, segundo Mauro, a área reavalia constantemente as práticas de trabalho e novas metodologias. Uma série de iniciativas como mudanças em processos, revisão de arquitetura e uso de metodologias ágeis, continuam sendo implementadas para garantir os atuais níveis de competitividade dentro dos negócios em que a empresa atua. Todos os produtos, de acordo com ele, já incorporam funcionalidades de mobilidade.

*Lisias Lauretti*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** CIO Latam**Idade:** 57 anos**Tempo de empresa:** 7 anos**Tempo no cargo atual:** 7 anos**Tempo de carreira em TI:** 25 anos**Formação acadêmica:** Engenharia Mecânica na Mauá, MBA Executivo em Harvard e Estratégia Avançada na Kellogg**Passatempos:** Tênis, bicicleta, golfe, vela, corrida e caminhada

A Serasa Experian avançou este ano na oferta de serviços para empresas e pessoas físicas. Entre os novos produtos estão o Serasa Conecta, que reduz riscos de compradores e fornecedores baseado em suas bases de dados, e o Serasa Consumidor, que permite que as pessoas acessem on-line o cadastro positivo no celular. "Além disso, temos atuado bastante em soluções de renegociação de dívida, melhora de crédito e monitoração de CPF", afirma o CIO Latam, Lisias Lauretti. "Desenvolvemos APIs (Applications Programming Interfaces) e microsserviços e implantamos a metodologia Agile, estrutura conceitual que rege projetos de engenharia de software para entregas mais rápidas". O mainframe foi mantido em vários processos e serviços, mas não como sistema principal.

A empresa, segundo Lisias, trabalha para modernizar o e-commerce e fortalecer a segurança das ferramentas: "Continuamos investindo em serviços para os dispositivos móveis, migrando nossos aplicativos para esse ecossistema e ajudando a disseminar o cadastro positivo".

Recentemente, a Serasa Experian lançou no Brasil a plataforma Pandora, voltada à gestão de dados corporativos, que identifica, investiga e avalia a qualidade das informações e automatiza processos, além de se conectar com fontes externas de dados. "Fomos os pioneiros no uso do conceito de Big Data, começando com a criação, dos chamados Data Labs, que trabalham com análise de informações e no desenvolvimento de modelos de prevenção às fraudes", diz Lisias.

A empresa conta com dois datacenters, um principal e outro de contingência, e no primeiro semestre de 2017 vai mover alguns sistemas para o regime de co-location em um centro de dados externo. Hoje opera em um modelo de nuvem híbrida: dos 1,4 mil servidores, 90% são virtualizados. "Também adotamos o conceito de TI multimodal, onde diversos times são mobilizados trabalhando em sistemas legados e novos processos e metodologias", explica Lisias. O desafio para o ano que vem, segundo ele, é dar maior responsabilidade às áreas de negócio para definirem e acompanharem seus projetos em conjunto com a área de TI.



governo governo governo

governo

governo governo governo

HC-SP

Jacson Venâncio de Barros

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretor Corporativo de TI do HC-SP e CIO da Fundação Faculdade de Medicina

Idade: 46 anos

Tempo de empresa: 26 anos

Tempo no cargo atual: 5 anos

Tempo de carreira em TI: 28 anos

Formação acadêmica: Engenheiro Elétrico e Mestre em Ciências

Passatempo: Viajar

O Programa Informatiza, que consiste na automação de uma série de processos, tendo como carro-chefe a implantação do novo sistema de gestão hospitalar, mobilizou a equipe de TI do complexo Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. O sistema controla aproximadamente 75% dos 2,5 mil leitos e 83 salas cirúrgicas. Por meio de um projeto de barramento de integração foi possível a interoperabilidade entre os diversos sistemas do hospital. “Atualmente, a troca de informações demográficas dos 8 milhões de pacientes do HCFMUSP está baseada nessa plataforma que nos deu agilidade e segurança e permitiu o monitoramento adequado de todas as transações efetuadas”, afirma Jacson Venâncio de Barros, diretor corporativo de TI do HCFMUSP e CIO da Fundação Faculdade de Medicina. Esse projeto criou uma espinha dorsal sistêmica para o hospital, levando inovação na gestão e nos processos. Entre as iniciativas, Jacson aponta a criação de uma célula de inteligência hospitalar, onde os conceitos de data mining, data-analytics thinking e machine learning serão empregados. No ano passado, o HC iniciou um projeto de monitoramento de tempos no centro cirúrgico, que consiste na disponibilidade de tablets em todas as salas para que os profissionais possam marcar seus tempos. O objetivo, segundo o CIO, é monitorar todos os passos do centro cirúrgico para detectar possíveis melhorias: “Também estamos avaliando a possibilidade de ter tablets nos postos de enfermagem, para checagem da medicação, projeto que estará concluído ainda no primeiro semestre de 2017”. O HC usa datacenter próprio, baseado em nuvem privada, projeto iniciado em 2012, já pensando na migração para um ambiente externo. “Ainda existem algumas resistências em relação a disponibilizar os dados de saúde na nuvem, mas vamos iniciar esse processo com a implantação de um disaster recovery para o sistema de gestão hospitalar”, garante Jacson. A iniciativa, segundo ele, será o primeiro passo para ganhar experiência no modelo e a médio prazo colocar grande parte dos sistemas na nuvem.

Roberto Meize Agune

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Coordenador da Unidade de Inovação da SubSecretaria de Parcerias e Inovação da Secretaria de Governo do Estado de SP

Idade: 69 anos

Tempo de empresa: 39 anos no Governo do Estado de São Paulo

Tempo no cargo atual: 2 anos

Tempo de carreira em TI: 21 anos

Formação acadêmica: Arquitetura e Urbanismo pela USP

Passatempo: Jardinagem

A Secretaria de Governo atua principalmente na área de inovação organizacional. Sua tarefa é estudar as mudanças para melhorar a qualidade e a eficiência do trabalho, incentivar a troca de informações e refinar a capacidade das organizações de aprender e utilizar conhecimentos e tecnologias que afetam, no caso específico dos governos, o desempenho do serviço público. Uma das tarefas da secretaria, dentro do escopo do programa iGovSP, é manter e aprimorar a rede paulista de inovação – igovsp.net, a maior base de dados em língua portuguesa sobre inovação organizacional voltada para o serviço público. De acordo com o coordenador da Unidade de Inovação da SubSecretaria de Parcerias e Inovação da Secretaria de Governo de São Paulo, Roberto Meize Agune, sua principal tarefa é o compartilhamento de conhecimento e experiências. O evento de maior destaque dentro desse escopo é o inovaday, promovido na última sexta-feira de cada mês. “Está entre as nossas principais missões estimular, promover e apoiar a abertura de dados governamentais para livre uso da sociedade, preferencialmente em formatos abertos, legíveis por máquinas, conectados e disponíveis na Web”, afirma Agune. Já foram realizados 64 eventos em sete anos. São mais de 3,6 mil horas de vídeo, transmitidas ao vivo.

Outro projeto de destaque é o São Paulo: Open Innovation in Health (Inovação Aberta em Saúde), desenvolvido pelas Secretarias de Governo e de Saúde, em conjunto com a Embaixada do Reino Unido, e que tem como objetivo acelerar a incorporação de resultados de pesquisa científica em produtos e serviços para melhorar a saúde da população. Para encontrar soluções para diferentes áreas do governo foi criado o projeto PitchGovSP. O termo pitch é conhecido no ecossistema de inovação corporativo e se refere a uma apresentação compacta feita por empresas nascentes a futuros investidores. O PitchGovSP é uma adaptação do modelo para o setor público com apresentações feitas para representantes dos órgãos de governo que julgam se essas novas soluções são adequadas aos seus ambientes”, diz Agune.

Rosely Padilha de Sousa Castilho

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Secretária de Tecnologia da Informação

Idade: 57 anos

Tempo de empresa: 36 anos

Tempo no cargo atual: 7 anos

Tempo de carreira em TI: 30 anos

Formação acadêmica: Bacharelado e Licenciatura em Matemática e MBI em BI e Gestão Pública

Passatempos: Viagens e jardinagem

O Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) tem trilhado o caminho da modernização, aposentando gradualmente os processos em papel. Essa diretriz ganhou espaço nos dois últimos anos com o Processo 100% Digital, a Justiça Bandeirante e o InfraJUS, diz Rosely Padilha de Sousa Castilho, secretária de TI do TJSP.

O Processo 100% Digital começou em pequena escala em 2006, com a promulgação de uma lei que dava ao Judiciário o poder de trabalhar autos em formato digital. Esse marco permitiu que as varas de justiça comessem a se livrar das toneladas de papel que acumulavam e até ocupar imóveis menores. “Em novembro de 2015, o sistema alcançou todas as 2 mil varas do estado e hoje 40% do trabalho já é digital”, explica Rosely. O percentual só não é maior, segundo ela, porque as varas tratam de processos antigos: “Devido ao tempo de vida dos processos em andamento, não dá para virar a chave e passar tudo para o digital; é um processo gradual”.

O TJSP tem um ambiente de datacenter e um sistema de co-location tendo como principal requisito o espaço de armazenamento. “Nosso projeto é usar mais a nuvem pública como espaço de guarda, para não onerar nossas máquinas e prevemos migrar para a híbrida no ano que vem”, diz Rosely. Dentro do programa Justiça Bandeirante, o TJSP armazena cursos e treinamentos de capacitação em sistemas de gestão para 2 mil varas em todo o estado, atendendo cerca de 40 mil funcionários.

Ela garante que a produtividade, maior objetivo do projeto, foi alcançada: “Antes da digitalização, as varas conseguiam trabalhar com 100 processos por dia e agora são mais de 1,2 mil”. O esforço, a partir de agora, segundo Rosely, é o aprimoramento do processo: “O maior desafio foi equalizar a capacitação de cerca de 40 mil funcionários, trabalhando com orçamentos enxutos”.

Outro projeto importante é o Portal do Cidadão, acessado por meio de aplicativo no celular, que permite a consulta aos processos do tribunal e a obtenção informações de certidões. Em 2017 o advogado poderá até fazer petições pelo smartphone, reduzindo a burocracia.



indústria de consumo

Grendene

Ernani Paulo Toso



Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO

Cargo: Gerente da Divisão de TI

Idade: 57 anos

Tempo de empresa: 35 anos

Tempo no cargo atual: 30 anos

Tempo de carreira em TI: 38 anos

Formação acadêmica: Administração de Empresas com pós-graduação em Marketing Estratégico.

Passatempo: Viagens com a família

A área de TI da Grendene, uma das maiores indústrias calçadistas do mundo, consolidou no último ano projetos de automação industrial, implantou plataforma de desenvolvimento de aplicações para atendimento de demandas de sistemas com maior agilidade, além de atualizar a infraestrutura de armazenamento. “Assumimos junto com as áreas de engenharia das fábricas o desenvolvimento de novas soluções e governança e de serviços dos sistemas de automação industrial”, afirma o gerente da divisão de TI, Ernani Paulo Toso. Com isso, a empresa caminha para uma manufatura avançada, a chamada Indústria 4.0, com a digitalização de diversos de seus processos. “Esse conceito envolve automação industrial, sistemas virtuais e físicos conectados e a implantação de sensores (Internet das Coisas) por toda a empresa”, diz. A Grendene tem cerca de 22 mil funcionários e produz anualmente 200 milhões de pares de calçados de várias marcas. Segundo Ernani, “em vez de a área de engenharia assumir sozinha a responsabilidade pela implantação de projetos, a TI foi chamada para apoiar e ser corresponsável na automação industrial”.

A Grendene tem dois datacenters próprios em sua sede, em Farroupilha (RS). Todas as transações são replicadas de um centro de dados para o outro, para garantir a continuidade dos negócios. “Até agora, o custo tem sido mais baixo do que os serviços oferecidos nuvem”, garante Ernani.

Entre os projetos de destaque está o uso de dispositivos móveis na automação da força de vendas e promotores e, mais recentemente, iniciativas para uso no chão-de-fábrica. Um exemplo é o projeto Qualidade 2.0, que substituiu as pranchetas usadas pelo pessoal que acompanha a produção por tablets. Por atuar na área de moda, a companhia é movida pela inovação. “Temos que surpreender o consumidor, inovando os produtos e processos que precisam do apoio da TI”, diz Ernani. Para isso, completa, a tecnologia tem que estar alinhada com as áreas de negócio e ser parceira dos projetos.

Alpargatas

José Carlos Martins

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo:	Gerente de TI
Idade:	52 anos
Tempo de empresa:	21 anos
Tempo no cargo atual:	8 anos
Tempo de carreira em TI:	25 anos
Formação acadêmica:	Bacharel em Ciências Sociais, Pós-Graduação em Administração (ênfase em Finanças) e cursando o 1º ano de Direito
Passatempos:	Ler e estudar

Ao longo de 2015 e 2016, a área de TI da Alpargatas focou na modernização dos sistemas de recursos humanos, especialmente de gestão de pessoas e na oferta de informações relevantes para a tomada de decisões. Nesse escopo, reimplantou o módulo WM/SAP em um dos seus principais Centros de Distribuição e iniciou o projeto de digitalização dos executivos de vendas, que ganham novos serviços até 2017. “Hoje todos os executivos da companhia, independente do nível, possuem um smartphone em que podem interagir muito mais rápido. Na próxima etapa, pretendemos levar a gestão do dia a dia deles para a tela do celular”, afirma José Carlos Martins, gerente de TI.

Na área de gestão, ele conta que foi finalizada uma plataforma de dados mestres para clientes e fornecedores, interligando todos os usuários que participam desses processos, por meio de workflows em um único portal: “Nesse período de crise econômica, foi muito importante ser seletivo e rigoroso nas discussões de priorização de projetos com grande foco nos resultados”. Esse, segundo ele, também foi um bom momento para rever o portfólio de tecnologias e valorizar aquelas que estão cumprindo a promessa de retorno. Em 2017, a área planeja dar continuidade à digitalização do departamento comercial e migrar a plataforma de correio eletrônico para a nuvem, entregando mais disponibilidade para serviços de colaboração e de integração. A empresa adotou o modelo de TI bimodal, mas ao invés de contar com grupos distintos – a tradicional e a que trabalha com novas metodologias –, integrou a equipe para que todos conheçam os dois conceitos e os pratiquem conforme o projeto. “Cada vez mais, todos irão se deparar com alguma iniciativa em que terão que quebrar as regras: não dá mais para tratar todos os projetos com a mesma rigidez de antigamente”, afirma José Carlos.

“O CIO deixou de ser um profissional que entende apenas de tecnologia, e não basta apenas conhecer o negócio da empresa onde atua, tem que entender do mercado e das forças que geram valor no segmento”, diz.

Whirlpool Latin America

Renata Andréa Marques

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo:	Diretora de TI
Idade:	47 anos
Tempo de empresa:	3 anos
Tempo no cargo atual:	3 anos
Tempo de carreira em TI:	20 anos
Formação acadêmica:	MBA (Pittsburgh), Pós-Graduação em Administração Empresas (FAAP) e Bacharelado em Processamento de Dados (Mackenzie)
Passatempos:	Fotografia e viagens

A Whirlpool investe de forma contínua na inovação e a área de tecnologia dá suporte à estratégia. Em 2016, o Projeto ONE, a atualização do ERP e a mudança da hospedagem do datacenter próprio nos Estados Unidos para nuvem privada mobilizaram as equipes de TI. “Otimizamos a infraestrutura desde a aquisição e a expansão, com redução de recursos”, diz a diretora de TI da Whirlpool Latin America, Renata Andréa Marques.

O projeto, segundo ela, envolveu todas as áreas da empresa e contou com o suporte da alta administração. Foram mais de mil usuários treinados, atualização da estrutura comercial, revisão do cadastro de produtos e sistemas tributários para ganhar agilidade no atendimento de novos requerimentos legais: “Garantimos ganhos de performance de 40% a 70% em rotinas de cálculo de necessidade de materiais, e de 30% a 50% no tempo de processamento de priorização, confirmação e alocação de estoques nas ordens de venda”.

O projeto englobou o upgrade em seis países da América Latina -- Brasil, Argentina, Chile, Guatemala, Colômbia e Venezuela -- e um rollout para o Peru, que ainda não usava o ERP da empresa. “Com todos os países da região usando o mesmo sistema, otimizamos as atividades de consolidação de resultados”, diz Renata.

No ano passado, a área migrou o Lotus Notes para Google for Work, adotando cada vez mais ferramentas baseadas em nuvem, com a migração de 5 mil colaboradores da América Latina para o novo sistema. “O uso das ferramentas melhorou o gerenciamento de conteúdo, o compartilhamento das informações e a criação de materiais de forma colaborativa com ganho de eficiência, produtividade e engajamento das equipes”, destaca Renata.

Para 2017, a área pretende implantar sistemas de planejamento baseado em analytics e ferramentas de autosserviço para consumidores internos e externos. Em Internet das Coisas, a Whirlpool está desenvolvendo um purificador de água conectado que vai permitir o acompanhamento do consumo pelos usuários e nortear a oferta de refil. Com datacenter próprio nos Estados Unidos e co-location no Brasil, os planos incluem aprofundar a migração para sistemas de nuvem.



indústria farmacêutica

indústria farmacêutica

indústria farmacêutica

indústria farmacêutica

indústria farmacêutica

Aché

Eduardo Kondo

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: CIO

Idade: 41 anos

Tempo de empresa: 2 anos e meio

Tempo no cargo atual: 8 anos

Tempo de carreira em TI: 20 anos

Formação acadêmica: graduado em Sistemas da Informação, Pós-Graduado em Marketing, Gestão Empresarial e Gestão estratégica

Passatempos: Coorér e viajar

Para a Aché Laboratórios, 2016 foi o ano da construção da base tecnológica que vai sustentar todos os seus projetos no futuro. Um dos mais importantes, segundo o gerente de TI, Eduardo Kondo, foi a migração do ERP: “Isso fortaleceu nosso core, consolidando as aplicações satélites em plataformas, deixando a empresa mais ágil e confiável”.

A área de TI foi reestruturada em quatro coordenações, divididas em Unidades de Negócios (Demanda, Comercial, MIP, Derma), Backoffice e Finanças, Manufatura & Operações, e Analytics e BI, que se reportam a uma gerência de sistemas. “O grande desafio é atender e entender o negócio, sem perder o conhecimento técnico para manter todas as aplicações e serviços no ar”, explica Kondo. A empresa adotou a TI Bimodal que une especialistas no negócio e a área de TI.

Entre os projetos inovadores ele aponta o Cuidados Pela Vida, que mudou a forma de fidelização de pacientes a partir de uma plataforma unificada. O programa recebia mais de 200 mil chamadas por mês na central de atendimento, com uma espera média superior a 4 minutos, tinha problemas de fidelização de consumidores e insatisfação das farmácias. A solução foi expandir o canal de autoatendimento com uma solução de cadastro rápido no balcão de 25 mil farmácias e também por meio de aplicativo móvel, garantindo que as pessoas usufruam do benefício de acesso ao medicamento onde quer que estejam. “Aumentamos a fidelização de consumidores, antes focada no desconto, e iniciamos uma estratégia de relacionamento de acordo com o perfil de cada cliente”, diz Kondo. No segmento de rastreamento de medicamentos, a empresa adquiriu 25 novas linhas de produção e três já estão completamente prontas para a serialização dos cartuchos. O Aché investiu cerca de R\$ 40 milhões e ainda calcula um aporte adicional de R\$ 15 milhões na implantação da rastreabilidade.

A empresa tem datacenter próprio e adotou o conceito de nuvem híbrida, que vai conectar o ambiente interno com o externo, com transparência na administração e consumo desses ambientes.

Karla Leite Fonseca

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Gerente Executiva de TI
Idade: 47 anos
Tempo de empresa: 7 anos
Tempo no cargo atual: 7 anos
Tempo de carreira em TI: 20 anos
Formação acadêmica: Administração com Ênfase em Análise de Sistemas
Passatempos: Andar de bicicleta e viajar

Faz parte da estratégia digital da Farmoquímica a implantação de um sistema de gestão de fornecedores, da cadeia de suprimentos financeiros e de contratos. A empresa avançou na governança por meio de uma estrutura de processos relacionados para ter maior controle das atividades da área. De acordo com a gerente executiva de TI, Karla Leite Fonseca, a estratégia digital contemplou soluções de nuvem, rede de negócios e Internet das Coisas, evolução na área de suporte para serviços e a aproximação das áreas de negócio. Entre os projetos de destaque, de acordo com ela, está a implantação de sistemas em nuvem integrada ao ERP: “Em um cenário econômico difícil, priorizar projetos para atender às necessidades das áreas de negócio, oferecendo soluções, otimizações e evolução de sistemas, tem sido bastante desafiador”, afirma Karla. Os ciclos, diz, aumentaram e também os custos com pessoal: “Manter essa balança equilibrada é o grande desafio para o próximo ano”. Para 2017, a empresa mantém o foco na estratégia digital, migrando para um datacenter com soluções em nuvem, priorizando a gestão de pessoas e conteúdo. No caso de uma indústria farmacêutica, segundo Karla, tanto Big Data quanto Internet das Coisas (IoT) são fundamentais para enfrentar o mercado competitivo e manter a qualidade dos produtos: “Iniciaremos um projeto de implementação de uma solução de Business Intelligence na nuvem, integrado nativamente com os atuais sistemas de BI e ERP, em uma plataforma de alta performance e adaptado a sistemas móveis”. A empresa também planeja a implantação de um portal de serviços compartilhados, que permitirá acesso à TI, RH e engenharia, por meio de qualquer dispositivo. Em uma segunda etapa, serão iniciados estudos para um sistema de consolidação de informações com IoT nas áreas industriais, para implantação em 2018. A terceirização do datacenter e tarefas operacionais marca o início da adoção da TI bimodal na Farmoquímica. “Temos um tempo para mesclar as operações de inovação e operação em apenas uma equipe, além dos profissionais internos que estejam alinhados à estratégia da empresa”, diz Karla.

Mauricio Vieira

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor de TI
Idade: 46 anos
Tempo de empresa: 3 anos
Tempo no cargo atual: 3 anos
Tempo de carreira em TI: 25 anos
Formação acadêmica: Bacharel em Ciências da Computação pela PUC/SP, Pós-Graduado em Administração de Negócios pelo Mackenzie/SP
Passatempos: Cozinhar, fitness e filmes

A implantação de uma plataforma de fidelização e cuidados a pacientes de diabetes, denominada Starbem 2.0, deu uma abordagem inovadora para um programa da Sanofi que antes considerava apenas o desconto. De acordo com Maurício Vieira, diretor de TI, a nova estratégia passou a considerar uma solução completa de cuidados por meio do apoio de cuidadores, facilitando a adesão dos pacientes. “Essa mecânica permitiu saber em que etapa do tratamento o paciente está ajudando no seguimento e garantindo que a orientação correta acontecerá em cada momento”, diz Maurício. O projeto envolveu a contratação de uma solução de software como serviço (SaaS) multicanal, dando às áreas de Diabetes e Suporte ao Negócio a visibilidade da jornada de pacientes quanto à adesão ao tratamento e maior retenção em curto espaço de tempo. Na área de vendas, segundo Maurício, um projeto importante foi a substituição da então solução de B2B utilizada para vendas indiretas por uma nova plataforma, para resolver problemas de aderência, conformidade e capilaridade das equipes: “O grande desafio era encontrar alguém que já operasse no meio, em um prazo de implementação curto, de apenas quatro meses”. O projeto foi implementado no início de abril de 2016 e permitiu o atendimento à demanda em locais até então não visitados pela força de vendas. “O modelo híbrido SaaS e on premise foi utilizado para garantir robustez e velocidade na implementação”, diz. A Sanofi tem um projeto regional de Big Data chamado Smart que está em sua segunda fase. A ideia é permitir que a área de Customer Insights possa cada vez mais fazer análises não apenas embasadas no passado, mas preditivas. “No setor farmacêutico, cada vez mais o poder decisório está nas mãos do paciente e é fundamental melhorarmos a nossa capacidade de compreensão dos fatores que o levam a tomar decisões”, completa. A empresa mantém um datacenter próprio no Brasil e tem projeto de mover toda a infraestrutura para os Estados Unidos no ano que vem.

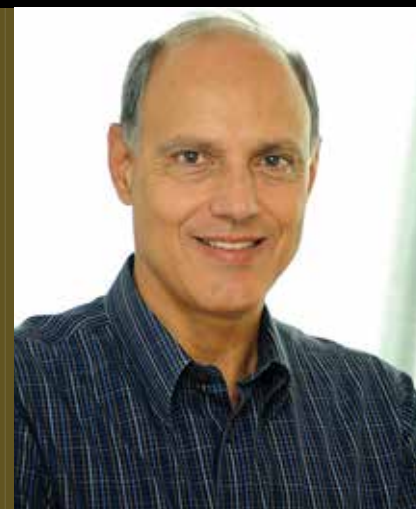


indústria geral

CSN

Fabio Faria

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor Corporativo de TI

Idade: 59 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 39 anos

Formação acadêmica: Administração de Empresas com ênfase em Análise de Sistemas (FASP), MBA Executivo Internacional (USP), MBA Supply Chain (PUC)

Passatempos: Caminhadas e viagens

Em 2016, a área de TI da CSN priorizou a implantação da plataforma corporativa SAP Hana em todos os negócios da companhia no Brasil como siderurgia, mineração, cimento, energia e logística, ferrovia e porto. O escopo deste projeto contemplou todos os ambientes SAP CSN (ECC, BW, HCM, Portal e PI), incluindo atualização para EHP 7.31 com Unico-de. "A empresa também adotou servidores IBM Power 8 como plataforma tecnológica, participando de um programa mundial da SAP/IBM com cinco empresas selecionadas para realizar a homologação desses servidores com SAP HANA", conta o diretor corporativo de TI, Fabio Faria.

Um dos projetos de maior impacto na CSN, segundo ele, foi o Portal Corporativo de Suprimentos SAP Ariba, em cloud computing, integrado ao sistema de gestão com o objetivo de aumentar a eficácia das compras: "O projeto viabilizou ganhos de produtividade e deu agilidade na contratação e gerenciamento de fornecedores com redução de custos, maior visibilidade de gastos e melhorias no compliance dos processos da área. O Portal de Suprimentos modificou a forma da empresa de trabalhar em seus processos com padronização e automação, permitindo alcançar a rede global de 1,8 milhão de fornecedores conectados. Com atuação mais estratégica, foi possível obter melhores condições nas negociações, mais competitividade e acurácia nas cotações eletrônicas". A empresa prevê implantar um projeto de Big Data na área comercial e tem iniciativas de Internet das Coisas, para aprimorar a gestão energética das plantas industriais da siderurgia e monitoramento de máquinas e equipamentos da mineração. Nessa área, por exemplo, a empresa conta com equipamentos como escavadeiras e caminhões com sensores, que geram dados monitorados continuamente via WAP (Wireless Access Point) e transmitidos a uma central de controle para aumentar a produtividade e reduzir custos.

A CSN tem um datacenter terceirizado, sendo um site principal e outro de backup em locais distintos.

José Geraldo Antunes

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 56 anos

Tempo de empresa: 20 anos

Tempo no cargo atual: 16 anos

Tempo de carreira em TI: 32 anos

Formação acadêmica: Processamento de Dados

Passatempo: Jogar golfe

A Klabin, uma das miases produtoras e exportadoras de papel do país, implementou três grandes projetos de tecnologia neste ano, liderados pelo CIO, José Geraldo Antunes. O Projeto Puma, a instalação de uma nova planta de celulose na cidade de Ortigueira, no Paraná, representou investimento de R\$ 8,5 bilhões de reais. A área de TI forneceu o apoio na infraestrutura necessária até a preparação de todos os processos para suportar esse novo negócio. Uma segunda iniciativa contemplou a Logística Florestal, com o monitoramento dos ativos florestais, utilizando a tecnologia de comunicação por rádio digital. Além disso, a empresa migrou o datacenter para um novo provedor, sem colocar em risco o andamento das operações. “Tivemos um ano bastante intenso que incluiu a aquisição de empresas no setor de embalagens, com projetos internos de melhoria exigindo da nossa área na priorização e alocação dos recursos, tanto internos quanto em terceiros”, avalia Geraldo. A empresa já teve datacenter próprio, mas optou, em 2004, por adotar um provedor externo, com uma solução on premise, que operou até 2016, com o lançamento de uma RFP (Request for Proposal) para a escolha de nova solução. “Buscamos a redução de custos por meio do conceito de nuvem híbrida”, diz. A área de produção já adota a Internet das Coisas para captura de informações dos sistemas de chão-de-fábrica enviadas para um sistema de nuvem que, por meio de algoritmos, informa a performance dos equipamentos, avalia desvios e propõe ajustes. Outro destaque deste ano, segundo Geraldo, foi a implantação de uma solução de mobilidade usando tablets para controle da rastreabilidade de DBM (Densidade Básica da Madeira), que permitiu automatizar os apontamentos do pátio de madeira. Com isso, a empresa obteve benefícios administrativos na eliminação dos controles em papel e o monitoramento mais próximo da DBM de hora em hora, com ganho de produtividade, qualidade e redução do consumo de produtos químicos no processo industrial. A Klabin usou sua flexibilidade para redirecionar as vendas para o mercado externo, mantendo seus resultados, apesar da crise econômica. “Com o projeto Puma, implementado em março, entregamos o maior investimento da nossa história”, diz O CIO.

Wilson Lopes

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 53 anos

Tempo de empresa: 7 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 26 anos

Formação acadêmica: Pós-graduado em MBA pela UFRJ e graduado em Tecnologia Eletrônica pela Universidade Mackenzie.

Passatempos: Cinema, leitura, caminhadas e viagens

O programa de Projetos Big Data & Analytics é apontado por Wilson Lopes, CIO da Fibria, como fundamental em 2016. Ele e sua equipe lideraram a implantação de uma ferramenta de analytics e Big Data, para identificação de oportunidades junto às áreas de negócios que buscam respostas para perguntas nunca antes respondidas com as ferramentas e tecnologias atuais: “O sistema transforma dados históricos em informações valiosas para a tomada de decisão”. Ante de iniciar o programa, foi escolhido o Centro de Tecnologia, voltado a pesquisas científicas, para realizar as provas de conceito, com o objetivo de entender os efeitos biológicos ou não que impactam a produção de madeira. Com o bom resultado dessa prova de conceito, a TI desenvolveu workshops com diversas áreas de negócios para identificação de oportunidades mais aderentes aos negócios da companhia. Na execução do projeto, foram realizadas análises preditivas, com ampla variedade de técnicas estatísticas de modelagem de dados, que analisaram fatos atuais e históricos, para demonstrar os efeitos comprovados e futuros de fenômenos específicos de produtividade. Um total de 71 variáveis e 14 anos de dados foram usados para responder as principais perguntas da Fibria, e a metodologia Define, Prototype, Expand, Deploy and Refresh foi adotada na busca das respostas. “O sistema trouxe alguns desafios para a equipe do projeto, que passaram pela padronização e preparação da massa de dados de 15 anos armazenados em vários sistemas, sendo alguns já descontinuados, além da estruturação desses dados garantindo qualidade e semântica de todas as 400 variáveis envolvidas no programa”, explica Wilson. Outro projeto foi a solução para Gestão Orçamentária que envolveu as principais áreas de negócios da Fibria, para padronizar o processo e evitar retrabalhos e erros no envio de dados para área de planejamento corporativo. A Fibria está preparando suas plataformas para cloud computing e analisa oportunidades na automação dos processos industriais (Indústria 4.0) e realidade aumentada na manutenção.



saúde

United Healthcare Brazil/Amil

Leonardo Almeida

Prêmio Profissional de TECNOLOGIA da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 45 anos

Tempo de empresa: 23 anos

Tempo no cargo atual: 2 anos

Tempo de carreira em TI: 24 anos

Formação acadêmica: Engenheiro Eletrônico com Pós-Graduação em TI, MBA Executivo em Saúde

Passatempos: Correr, cinema e seriados de TV

A implantação de uma solução de integração de informações, o Hospital System Transformation Program, e de um sistema de CRM para o pós-venda foram os destaques do ano na United Healthcare Brazil/Amil. Projetos inovadores com impacto na qualidade de vida do paciente norteiam a área de tecnologia da operadora, de acordo com Leonardo Almeida, CIO da United Healthcare Brazil/Amil. Entre eles está a implantação do Google Glass nos prontos-socorros. Em um projeto para profissionais de atendimento, tem como objetivo a humanização do contato com o cliente e a resolução imediata de alguns problemas identificados. As fichas dos clientes ficam disponíveis na tela dos óculos do atendente, que poderá checar no sistema de informações a razão de uma eventual demora na entrega de um exame ou sua posição na fila de espera de um pronto-socorro.

A operadora conta com um sistema que centraliza as informações dos atendimentos realizados por todos os hospitais do grupo, com dados como número de leitos, de pacientes internados, estatísticas epidemiológicas e de tempo de atendimento. "São indicadores importantes para a gestão de saúde dos beneficiários da Amil e administradores de cada hospital, contribuindo para a definição de estratégias de prevenção, de tratamento e de melhorias nos serviços", afirma Leonardo.

A área desenvolveu um projeto de gestão de NIPS (Notificação de Investigação Preliminar) que permite à agência reguladora mediar conflitos entre usuários e operadoras de planos de saúde, sejam eles médicos ou odontológicos, em casos de negativa de cobertura. Outra iniciativa, essa em Internet das Coisas, é um piloto que integra a plataforma de dispositivos móveis e wearables para auxiliar na gestão dos clientes.

A empresa planeja um sistema de marketplace para 2017 que rodará em nuvem. "Nosso trabalho é procurar trazer segurança, sem prejudicar a experiência dos nossos clientes e parceiros, mantendo a velocidade das entregas", diz.

Para 2017 a área de tecnologia planeja aprofundar iniciativas de mobilidade para a operadora e hospitais, e desenvolver novos modelos de pagamentos a prestadores baseados em valor agregado, além de implantar novos sistemas de gestão de fraudes.

Lilian Quintal Hoffmann

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Superintendente Executiva de TI

Idade: 51 anos

Tempo de empresa: 3 anos

Tempo no cargo atual: 3 anos

Tempo de carreira em TI: 28 anos

Formação acadêmica: MBA em TI pela FGV

Passatempo: Gatos

A implantação do prontuário eletrônico em uma das unidades da Beneficência Portuguesa, o Hospital Santo Antonio, e a certificação HIMSS nível 6 para os hospitais Santo Antonio e São José, mobilizaram a área de TI no final do ano passado e nesse ano.

“A certificação HIMSS nível 6 coloca as unidades da Beneficência Portuguesa no mesmo patamar de adoção de prontuário eletrônico dos melhores hospitais do mundo”, orgulha-se a superintendente executiva de TI, Lilian Quintal Hoffmann. Ao lado desses projetos, que mobilizaram grande parte da equipe da área de tecnologia, a instituição investiu em mobilidade e sistemas que facilitam o dia a dia do profissional de saúde. Um exemplo é a implantação da checagem de medicamentos à beira do leito. A checagem é feita por meio de código de barras nos produtos e na pulseira do paciente, permitindo que o sistema valide o paciente, o medicamento certo, o horário certo, a dose e a via certas, garantindo ainda mais segurança na administração dos remédios.

“2016 foi um ano de consolidação para a Beneficência Portuguesa e de muitos projetos de eficiência operacional, com a segmentação das marcas e foco na experiência do paciente”, diz Lilian.

A Beneficência Portuguesa tem datacenter próprio e está implantando, junto o disaster recovery em nuvem, por meio de um contrato de IaaS e SaaS (infraestrutura como Serviço e Software como Serviço).

Para Lilian, a área de TI tem o desafio de desenvolver novas modalidades de negócio por meio de parcerias com fornecedores e com outras instituições: “O papel do CIO evoluiu na estratégia da empresa com responsabilidade de prover automação para garantir resultados, reduzir custos e posicionar a corporação frente ao mercado. Um grande desafio é atender as unidades de negócio em suas demandas, mantendo o plano estratégico em andamento”.

Para 2017, a área de TI prevê a conclusão do projeto Conecta, que teve como escopo a substituição do ERP e a implantação do prontuário eletrônico do paciente nos três hospitais do grupo. “O foco também será a implantação de uma nova ferramenta de analytics e a utilização de uma ferramenta de PACS (Picture Archiving Communication System) voltada para mobilidade e experiência do paciente”.

Ricardo Santoro

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor Executivo de TI

Idade: 52

Tempo de empresa: 5 anos

Tempo no cargo atual: 5 anos

Tempo de carreira em TI: 30 anos

Formação acadêmica: Matemática

Passatempos: Esportes, turismo, filmes

A implantação de um novo sistema de gestão hospitalar, que incluiu todas as áreas do centro cirúrgico, centralizou as atenções da área de TI do Einstein em 2016. O hospital também avançou em outros sistemas como o de Digitalização do Paciente, iniciado em 2015, com a eliminação do meio físico para entrega dos resultados de exames. Esse projeto prosseguiu com a divulgação da aplicação móvel para pacientes e médicos, e seguirá em 2017 com frentes nas áreas de Big Data e suporte à decisão.

Ricardo Santoro, diretor executivo de TI, considera o projeto de Digitalização do Paciente o mais inovador: envolve várias frentes, como revisões de processos e adoção de novas tecnologias, visando melhorar a segurança dos procedimentos, otimizações operacionais e relacionamento entre paciente, médico e equipe de cuidados.

A área de tecnologia está finalizando as configurações, testes e treinamentos do projeto do novo sistema de gestão hospitalar, que consumiu três anos e exigiu adaptar o software de um fornecedor norte-americano para ser usado pela primeira vez no mercado brasileiro. “Treinamos mais de 8 mil pessoas entre médicos, enfermeiras, farmacêuticos e demais perfis que atuam no segmento de saúde”, afirma Ricardo. Coube à área transferir para a diretoria de TI mais de 70 pessoas com conhecimento dos processos de suas áreas de origem, mas sem experiência em trabalhar com tecnologia.

Entre os destaques do ano está a criação uma diretoria específica de inovação, não apenas para questões de TI, mas do segmento de saúde como um todo. E na diretoria de TI foi criada uma gerência específica para lidar com projetos que exigem mais agilidade, tais como o desenvolvimento de aplicações móveis e portais. Essa equipe, segundo Ricardo, adota metodologia própria, mais simplificada e próxima dos conceitos Agile. Também foi criada a gerência de arquitetura de TI, para modelagem e unificação de bases de dados e criação de webservices, para dar mais agilidade e integração aos projetos, principalmente os relacionados ao Big Data.



serviços serviços serviços

serviços

serviços serviços serviços

Kroton

Ailton Brandão

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 46 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 27 anos

Formação acadêmica: Técnico em processamento de dados, Bacharel em Administração, MBA (FIA / FEA / USP).

Passatempos: Leitura e viagens.

Uma das maiores organizações privadas de ensino, a Kroton tem fortalecido sua infraestrutura para apoiar áreas de negócios e os mais de 1,6 milhão alunos (caso o Cade aprove sua fusão com a Estácio). Forte em ensino à distância, com 726 polos no país, a Kroton tem uma área de tecnologia alinhada às demandas de alta disponibilidade. De acordo com o diretor de TI, Ailton Brandão, o esforço neste ano concentrou-se no desenvolvimento de novos canais digitais, na criação de um portal de alunos mais moderno e de aplicativos para o celular.

Por meio de projetos de design thinking, o novo portal é mais interativo e tem serviços que podem ser acessados de qualquer dispositivo, com layout mais atraente. Ailton conta que, por meio do celular, no início do ano, por exemplo, o aluno recebe as informações sobre localização da sala de aula, acessa suas faltas, quais trabalhos deve entregar e tem informações sobre mensalidades: "O sistema conseguiu traduzir a jornada do estudante em suas principais necessidades". Para construir esse ecossistema, diz ele, a área de TI alinhou modelos de banco de dados e sistemas legados com novas tecnologias de APIs (Interface de Programação de Aplicativos), microsserviços e metodologia Agile: "Adotamos o conceito de desenvolvimento participativo e multifuncional, em que os usuários definem o modelo e a área de TI adota a metodologia de entregas curtas e contínuas, melhorando processos".

Neste ano, a Kroton ganhou um novo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no qual os alunos podem assistir a aulas gravadas que já nascem em ambiente digital. Outro projeto foi o desenvolvimento de um aplicativo para vestibulares criado a partir de um repositório de dados (data lake) e business intelligence. A revitalização de equipamentos dos campi permitiu consolidar um marketplace de cursos livres que são comercializados para o público externo e podem ser acessados de qualquer dispositivo.

A opção por sistemas em nuvem, segundo Ailton, permitiu à Kroton mais flexibilidade para o armazenamento de vídeos de aulas: "Os alunos concentram muito o uso nas vésperas de provas ou dias de entrega de trabalhos e a nuvem escala muito bem esses momentos pontuais".

Jedey Miranda

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: VP de Operações Mercosul

Idade: 55 anos

Tempo de empresa: 3 anos

Tempo no cargo atual: 2 anos

Tempo de carreira em TI: 25 anos

Formação acadêmica: MBA

Passatempo: Viagens

Iniciativas para o aumento da eficiência de operações tiveram destaque na Mondial. Entre as relacionadas à qualidade, o VP de Operações Mercosul, Jedey Miranda, resalta a implantação da ferramenta de NPS – Net Promoter Score, que permite acompanhar os serviços em tempo real com transparência: “Com essa abordagem, nosso time de qualidade trabalhou para identificar a causa raiz de cada problema, plano de ação, retroalimentação do processo e efetividade”.

Para melhora de performance, a empresa investiu na digitalização fim-a-fim do negócio. Agora, os clientes podem solicitar um serviço por aplicativo no celular ou desktop que é aceito eletronicamente pelos prestadores, permitindo ainda o acompanhamento em tempo real da entrega desses serviços. A solução permitiu redução de custos, que se refletiu nos preços finais aos clientes. De acordo com Jedey, não houve restrição orçamentária, mas de capacidade de recursos internos, fazendo com que a área de TI recorresse a parceiros.

A filosofia da área de tecnologia da Mondial é ser um backbone para toda a empresa, colocando como missão crítica a infraestrutura e a disponibilidade dos serviços. O grupo de inovação também é fundamental para dar eficiência e qualidade aos processos. “Eliminamos a barreira entre a área técnica e a inovação, estimulando o conhecimento do negócio”, explica Jedey. Em iniciativas de maior porte, os recursos são alocados sem que as pessoas percam contato com a realidade do negócio.

A Mondial conta com datacenter próprio e sistemas na nuvem, e também trabalha com o conceito de cloud privada, garantindo mais flexibilidade aos serviços. “O projeto de NPS roda em nuvem, atendendo a todos os requerimentos globais de segurança”, afirma. O conhecimento de tecnologia e imersão, não somente aproximação, permitem, segundo ele, que cada vez mais os CIOs tenham a missão de apontar novos caminhos e soluções para o mundo dos negócios. Nesse sentido, diz, o maior desafio é a mudança comportamental e pensar em diferenciais que podem ser trazidos pela tecnologia, sem criar barreiras.

Maria de Fátima A. M. Primati

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 49 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 2 anos e meio

Tempo de carreira em TI: 29 anos

Formação acadêmica: Administração de Empresas com ênfase em sistemas

Passatempos: Viajar e cozinhar

Em 2016, a Laureate Brasil implantou novos projetos em todas as suas escolas, com destaque para a plataforma única de LMS (Learning Management System) para alavancar o ensino a distância. Ao longo de 2015, a área de TI da instituição analisou alternativas de mercado, tomando a decisão de implementar a tecnologia Blackboard nas unidades de ensino superior. “Foi um grande projeto multidisciplinar, que movimentou todas as escolas, vários departamentos e recursos”, destaca a CIO Fátima Primati: “O projeto foi planejado em fases, o que nos permitiu implantar, aprender e planejar o estágio subsequente por meio de metodologias de change management. No ano passado, a instituição já havia adotado a plataforma Office 365 para todos os colaboradores, além dos alunos e professores, para ampliar o ambiente colaborativo.

Aplicativos móveis também foram prioridade, permitindo que os alunos, de qualquer dispositivo, tenham informações que antes somente eram acessáveis no portal ou diretamente na escola. Uma das preocupações da área de TI, segundo Fátima, foi oferecer apps para todas as escolas, facilitando sua operação. Outra estratégia, diz, foi a adoção da metodologia Agile, que transformou as entregas e o modo de desenvolver soluções: “Além da nossa economia e particularidades da área de ensino, temos o desafio de procurar soluções que possam trazer eficiência e redução de custos para a organização”. A área busca sistemas que tragam eficiência e redução de custos em um período de investimentos enxutos.

No ano que vem, a área de TI da Laureate planeja modernizar a infraestrutura, o service desk, implantar uma nova plataforma para serviços para os estudantes, CRM, e iniciativas para melhorar controles internos e segurança da informação. Planeja ainda consolidar vários ambientes, equilibrando sistemas de cloud, on-premise e serviços, conforme os benefícios e necessidades das áreas de negócios.

A Laureate desenvolveu ainda um programa estruturado de revisão constante das políticas, trabalhando, em paralelo, na conscientização de todos colaboradores.



transporte & logística

Latam

Denise Ciavatta

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Diretora Sênior de Processos e Sistemas Comerciais

Idade: 50 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 3 anos

Tempo de carreira em TI: 30 anos

Formação acadêmica: Bacharel em Matemática; Mestre em Engenharia de Software

Passatempos: Leitura e cinema

Um dos projetos ainda em curso na Latam Airlines Brasil e um dos mais importantes, na opinião da diretora sênior de Processos e Sistemas Comerciais, Denise Ciavatta, é a migração da plataforma tecnológica de vendas e check-in, permitindo sinergia operacional e mais simplicidade para os clientes a partir de um sistema único em toda a empresa: “Toda a operação da Latam é dependente de automação e de apoio de recursos tecnológicos, portanto é fundamental que o CIO seja capaz de se posicionar como um parceiro das áreas, traduzindo a visão estratégica em soluções e novos projetos”.

O foco no cliente também se traduziu no lançamento de um sistema voltado para o acompanhamento de crianças e adolescentes que viajam sozinhos. O menor que viaja desacompanhado recebe uma pulseira com um QR code integrado e seus responsáveis têm acesso a informações em tempo real sobre cada etapa da viagem, por meio de uma plataforma digital. Outro projeto inovador, segundo Denise, foi o self bag tag, disponível nos aeroportos de Guarulhos (SP), Galeão (RJ), Brasília (DF) e Natal (RN). Com esse equipamento, os clientes podem imprimir a própria etiqueta de bagagem a ser despachada. Após a impressão, são direcionados para posições exclusivas de despacho de bagagem, gerando maior agilidade e praticidade no atendimento. A Latam anunciou recentemente a adoção de novo modelo de negócios doméstico, com uma proposta de tarifas mais econômicas e uma nova forma de comprar bilhetes, na qual o passageiro escolhe por quais serviços quer pagar. A Latam tem apostado em plataformas móveis para compra de passagens, realização de check-in e consulta de voos. “Nosso objetivo é oferecer ao cliente cada vez mais o controle de sua jornada”, diz Denise. Ela reforça que o orçamento e o planejamento da área de TI estão direcionados para uma visão de longo prazo e projetos estratégicos. Um exemplo dessa visão, de acordo com ela, foi o lançamento de um novo modelo de negócio para operações domésticas: “A adaptação de processos e sistemas está sendo feita conforme necessidades de cada país, e é prioridade total para a TI”.

Flávio Antonio Alqueres de Souza

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: Diretor de TI

Idade: 59 anos

Tempo de empresa: 4 anos

Tempo no cargo atual: 4 anos

Tempo de carreira em TI: 42 anos

Formação acadêmica: Engenheiro com Pós-Graduação em Sistemas e especialização em Logística

Passatempos: Filmes e viagens

Um projeto de redução de custos envolvendo todas as áreas absorveu as atenções do diretor de TI da JSL, Flávio Antonio Alqueres de Souza. Ele foi responsável por rever a infraestrutura de telecomunicações, renovar o licenciamento de soluções e renegociar contratos. Tudo isso envolveu diversas variáveis, para buscar economias nos departamentos, incluindo a internalização de sistemas que antes eram terceirizados. Esse conjunto de ações, segundo Flávio, teve como resultado economia anual de R\$ 5 milhões. No início do ano, a empresa implantou o ERP da SAP em um projeto de portal colaborativo com 20 mil contas para as áreas contábil e fiscal e treinou os usuários na nova ferramenta. “Outro desafio foi nos adequar a prestar todo o serviço de TI com redução do quadro e de orçamento”, afirma Flávio. Apesar dessas limitações, a JSL já planejou para o ano que vem a implantação de um novo sistema de transportation management system, que prevê automatizar a produção e implantar novas iniciativas na área de segurança. A empresa conta com datacenter próprio e algumas soluções em nuvem, como o site móvel da Movida, de aluguel de carros. O app permite que o interessado escolha o modelo e reserve o veículo pelo celular e também adianta o preenchimento dos documentos, facilitando a burocracia quando o usuário vai pegar ou devolver o veículo, nos diversos escritórios da operadora. A área de TI, segundo Flávio, também desenvolveu um aplicativo para smartphone para a venda de veículos seminovos.

Além da iniciativa de redução de custos em 2016, a empresa passou por uma auditoria externa que apontou vulnerabilidades de segurança nos sistemas. Para sanar esse gap, a área priorizou a revisão das políticas de senha e implantação de dispositivo de single sign on, reviu o uso de armazenamento compartilhado em nuvem e definiu políticas de autorizações diferentes para prestadores de serviço e funcionários, além de regras para atualização de dispositivos por unidade. A empresa também implantou cofre de senhas e segregação de funções, níveis de aprovação e autenticação por áreas, entendendo que os maiores riscos são de dentro para fora.

Kleber Linhares

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



Cargo: CIO

Idade: 40 anos

Tempo de empresa: 8 anos

Tempo no cargo atual: 8 anos

Tempo de carreira em TI: 15 anos

Formação acadêmica: Economia e Engenharia

Passatempos: Viagens e futebol

Para a Azul Linhas Aéreas, a experiência do cliente e seu relacionamento com a empresa tiveram prioridade entre todos os projetos de 2016. A área de TI foi fundamental na estratégia, investindo na unificação de produtos, software e aplicativos móveis. “Nossos esforços se concentraram em entregas mais ágeis e mudanças de paradigma, maior proximidade com os passageiros e suas demandas”, afirma o CIO, Kleber Linhares.

Entre os destaques está o desenvolvimento de um novo site, focado em serviços e autoatendimento, permitindo que o cliente faça a gestão da sua conta por meio de aplicativos. No lado da empresa, segundo Kleber, facilitou o controle e administração do seu relacionamento com os passageiros: “O grande projeto da área de TI foi orquestrar todos os canais em uma plataforma única, que facilita a compra de passagens e permite a gestão da pontuação do plano de relacionamento Tudo Azul, entre outras vantagens”. Todos os produtos estão disponíveis para o smartphone dentro da estratégia móvel da companhia. O novo site foi desenhado a partir de sugestões dos clientes, com recursos de segmentação e personalizado levando em conta a frequência de voo, além de outros recursos. “A programação do site faz pesquisas e cruza bases de dados para interagir melhor com o cliente”, diz Kleber.

Outro projeto importante foi integrar os sistemas da Azul com os parceiros internacionais de vendas de tickets, a partir da abertura de novas rotas. A Azul tem trabalhado em projetos de Big Data com algoritmos que fazem a recomendação de precificação e analisam curva de uso dos produtos para entender melhor o cliente e oferecer apps sob medida, a exemplo do novo site. A crise, segundo Kleber, afetou todos os setores e enxugou orçamentos, mas a Azul não deixou de investir em novos projetos: “Fomos mais criteriosos nas opções tecnológicas, mas nenhuma iniciativa deixou de evoluir por restrições de orçamento”. Para ele, a tarefa do CIO é orquestrar a transformação digital, ser capaz de discutir algoritmos e ao mesmo tempo incentivar as vendas, atuando na inteligência de negócios e melhorando a experiência dos clientes.



utilities

Telefônica Vivo

Alessandra Bomura Nogueira

Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO



fotos divulgação

Cargo: Vice-Presidente de TI

Idade: 46 anos

Tempo de empresa: 18 meses

Tempo no cargo atual: 8 meses

Tempo de carreira em TI: 25 anos

Formação acadêmica: Bacharel em ciências da computação

Passatempos: Viagens e canto

O crescimento da Telefônica no Brasil passa pela expansão do modelo de negócios de modo orgânico e com a aquisição de novas empresas, como foi o caso da GVT. A fusão de diferentes companhias traz desafios complexos para a área de TI como responsável pela integração das operações. “A tecnologia lidera projetos de grandes magnitudes e aqueles do dia a dia, que são extremamente importantes para manter o bom funcionamento da empresa”, aponta Alessandra Bomura Nogueira, vice-presidente de TI da Telefônica, que aliás era a CIO da GVT. Entre os destaques do ano está a implantação do sistema de predição de falhas massivas nos serviços, melhorando a resposta a esses eventos e a qualidade no atendimento aos clientes. Segundo Alessandra, através da análise de informações de tráfego de Internet, chamadas, topologia da rede e dados geográficos, é possível indicar, por exemplo, rompimento de cabos ou furtos: “A automatização desse procedimento de identificação de falhas através de algoritmos em Big Data já mostra ótimos resultados na redução do tempo para reação de nossas equipes”.

Sistemas de Big Data também auxiliaram a empresa a otimizar investimentos na rede física, a partir da análise de todas as informações disponíveis em suas bases de dados. “A tecnologia permitiu fazer análises do perfil de uso de todas as antenas do parque da Telefônica e planejar investimentos de forma mais precisa e rentável”, diz ela.

Em Internet das Coisas, Alessandra aponta a iniciativa do Smart Center M2M, uma plataforma de gestão a partir da conexão entre máquinas para os clientes B2B realizarem o controle de tráfego, inventário e funcionalidades básicas como ativação, bloqueio e desbloqueio de aparelhos. O sistema possui pacotes de dados, voz e SMS, além do contrato de serviços de valor agregado. Para isso adotou o modelo de squads para o desenvolvimento de novos produtos e serviços, incluindo as próprias áreas de negócio dentro do ciclo de vida das entregas. Esse modelo de atuação, que já começa a dar resultados com entregas mais eficazes, de acordo com Alessandra, deve se expandir para novas áreas de projetos em 2017.

*Dario Soares de Almeida*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** Gerente Executivo de Arquitetura de Sistemas**Idade:** 51 anos**Tempo de empresa:** 6 anos**Tempo no cargo atual:** 4 anos**Tempo de carreira em TI:** 29 anos**Formação acadêmica:** Bacharel em Ciência da Computação; MBA em Administração de Projetos pela; MBA em Conhecimento, Tecnologia e Inovação pela; MBA em Gestão de Negócios Integrados; Especialização em Comercialização de Energia**Passatempos:** Cinema, leitura e academia de ginástica

Com uma grande quantidade de projetos no portfólio, a concorrência entre eles demandou ainda mais esforços de gestão da área de tecnologia na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). A empresa priorizou projetos como a evolução tecnológica do SCDE (Sistema de Coleta de Dados de Medição), responsável pelo gerenciamento das informações de geração e consumo de energia elétrica em um parque de mais de 20 mil medidores inteligentes de 5 mil empresas, distribuídas em todo o território nacional. “Desenvolvemos um novo front-end, substituindo integralmente a camada de interação do sistema legado”, explica Dario Soares de Almeida, gerente executivo de Arquitetura de Sistemas. Com esse projeto, a produtividade aumentou em até 50% e o desempenho de geração de relatórios em 28 vezes.

Outro destaque foi o sistema de Geração Automática de Contratos, com o desenvolvimento de uma solução para o ambiente de contratação regulada, celebrada entre as empresas de distribuição de energia elétrica e os geradores que participam dos leilões. A CCEE já realizou mais de 70 leilões de energia desde 2004, totalizando mais de R\$ 1 trilhão de contratos. A cada leilão, são assinados às vezes milhares de contratos. “No passado todo o processo entre as partes vencedoras dos leilões era manual, assim como o controle da assinatura desses contratos”, conta Dario.

Para prover melhores serviços aos consumidores, a área implantou o Jira Service Desk, seguindo os conceitos de redes sociais corporativas, apoiando usuários e atendentes por meio de dispositivos móveis. Um sistema de regras automatizou as decisões da Central de Serviços com dados dos usuários, permitindo priorizar demandas e encaminhar para as áreas que vão solucionar o problema.

No segundo semestre de 2016, a área de TI concentrou-se no sistema de Tratamento de Dados de Medição em Tempo Real, cuja implantação será em meados de 2017.

*Roberto Carlos Pereira Currais*Prêmio Profissional
de TECNOLOGIA
da INFORMAÇÃO**Cargo:** Vice-Presidente de Suporte a Negócios**Idade:** 48 anos**Tempo de empresa:** 9 anos**Tempo no cargo atual:** 3 anos**Tempo de carreira em TI:** 30 anos**Formação acadêmica:** Tecnólogo em Processamento de Dados; Pós-graduado em Finanças; Gestão Executiva; Pós-graduado em Energy Business**Passatempos:** Cinema e ginástica

Para garantir a uniformização dos processos e sistemas, aumentar a capacidade de inovação de forma padronizada e contar com melhores práticas, a área de TI do Grupo Energisa teve como desafio, em 2016, o Projeto Migração, que consolida os sistemas das empresas adquiridas do antigo Grupo Rede – eram oito distribuidoras no total, incorporadas à Energisa em abril de 2014. A migração dos sistemas já foi concluída para as empresas Energisa Mato Grosso (EMT), implantada em dezembro de 2015, e Energisa Tocantins (ETO), implantada em maio de 2016. Ambas contaram com a participação de 29 frentes de trabalho, entre elas seis frentes de tecnologia, 19 áreas de negócio e quatro áreas de apoio (RH, comunicação, telecomunicação e automação), além da presença constante das diretorias envolvidas, explica Roberto Carlos Pereira Currais, vice-presidente de suporte a negócios.

Ao todo foram implantados 79 sistemas para cada empresa, classificados como Sistemas Técnicos-Comerciais, Sistemas Administrativos-Financeiros (ERP), Sistemas Web e Mobilidade, Sistemas de Manutenção e Sistemas de Business Intelligence.

“Todas as customizações e integrações dos novos sistemas foram devidamente testadas pelas equipes envolvidas no projeto durante as etapas de testes integrados de TI e também durante a etapa de homologação para aceite das áreas de negócios”, explica Roberto.

Com uma grande base de dados, o grupo desenvolveu uma arquitetura chamada de DW Energisa, com soluções de análise (analytics) para tomada de decisão baseadas em processamento analítico on-line voltado para Gestão de Perdas Não Técnicas, Gestão de Obras de Distribuição, entre outras. “Em 2017, será desenvolvida uma solução de BI para atender às necessidades de análise sobre a Gestão do Mercado Consumidor de Energia Elétrica”, afirma Roberto. Em inteligência computacional, ou seja, análises preditivas, desde 2011 a empresa conta com um modelo baseado na técnica de redes neurais para identificar o comportamento de unidades consumidoras que cometem fraudes ou furtos de energia.



Gestão de redes:

como manter a segurança e abrir espaço para a inovação?

O desafio de fazer uma boa gestão da infraestrutura das redes corporativas é o tema desta mesa-redonda, coordenada pelo diretor de redação do *Informática Hoje*, Wilson Moherdaui, e da qual participaram **André** Martins, diretor de infraestrutura de TI da Serasa Experian; **Helton** Moreno, responsável por infraestrutura e sistemas da Assurant; **Ivan** Barale, gerente de operações da Porto Seguro; **Luiz Gustavo** Lins de Figueiredo, diretor de TI da Aon; **Marcelo** Maylinch Simão, superintendente de infraestrutura, arquitetura corporativa e serviços de TI da Alelo; **Márcio** Roberto

da Silva, superintendente de tecnologia e serviços da Cetip; **Rodrigo** Gassi, responsável por infraestrutura e rede da América Latina da Zurich; e **Waldemar** Ruggiero Jr., diretor do departamento de processamento e comunicação de dados do Bradesco.

Informática Hoje – No caso da Porto Seguro, além de todas as pressões a que vocês estão submetidos, existem algumas especificidades, por se tratar de um conglomerado de empresas, todas com uma ênfase muito forte em mobilidade. Entre essas empresas está a Conecta, uma operadora virtual voltada aos clientes da Porto Seguro,

o que deve provocar um impacto ainda maior do que a média, porque acaba sendo um fornecedor de infraestrutura para os clientes. Não é isso, Ivan?

Ivan – É verdade. A Conecta é uma empresa de telefonia virtual que utiliza o transporte da Tim. Ela atua dentro da Porto Seguro como um fornecedor e tem o desafio de ser tão competitiva quanto as empresas que hoje nos prestam serviço. O recente desafio de custos obviamente traz um ingrediente extra, um tempero adicional a tudo isso. A Porto Seguro tem um conglomerado de 28 empresas, que atuam de forma vertical, então não tem uma infraestrutura

em que os processos são compartilhados entre todas as empresas. Cada diretoria geral que cuida desse conjunto de empresas tem independência de atuação, como se fosse um incentivo a empreendedorismo, e a Conecta também se encaixa nessa questão, tanto que agora eles estão concorrendo junto com outras operadoras para poder nos fornecer os links de comunicação. Então, obviamente a gente tem discussões dentro de casa, mas com a convicção de que ela vai ter que ser tão eficiente quanto em custo, performance e gerenciamento, outro grande desafio. A gente tem trabalhado nesse último ano

principalmente com muitas iniciativas para reduzir custo, sem perder a capacidade de oferecer uma boa experiência de mobilidade, que é o que as pessoas estão querendo. Não adianta o funcionário estar em home office, o corretor usando um app da Porto ou um espaço de sucursal precisando de um serviço da empresa, se ele não tiver uma boa performance: ele se torna caro, independente de quanto está se pagando a ele. Hoje as pessoas não querem uma experiência diferente dependendo de onde estiverem, então o desafio é manter essa performance adequada, com disponibilidade e um custo equilibrado.

atalho

As redes corporativas são submetidas a pressões constantes e cada vez maiores dos próprios negócios – pressões internas, da estrutura das próprias empresas, e pressões externas, da demanda dos negócios. E a cada dia mais essas redes são sobrecarregadas com novos agentes externos, com a sobrecarga brutal provocada pelas redes sociais e pelo que se convencionou chamar de Big Data. Um dos grandes desafios dos gestores das redes é evitar que a infraestrutura se torne um gargalo para a inovação

IH – Você falou que são 28 empresas que atuam verticalmente. O que significa isso do ponto de vista da gestão da infraestrutura de rede?

Ivan – A área de que eu cuido, operações, atende todas as 28 empresas,

com algumas exceções, dependendo da dimensão. Mas o que traz para nós um desafio adicional é o fato de as estratégias nem sempre serem convergentes, ou seja, cada negócio tem um desafio diferente, de acordo com o cenário ou o momento do negócio. Nós temos procurado segmentar a equipe de forma a se especializar em alguns segmentos do negócio, em algumas necessidades, até porque o orçamento de cada negócio é diferente. Há empresas que ainda estão funcionando como startups, que ainda não estão totalmente integradas ou que ainda não conseguem girar por conta própria. Isso significa que a gente precisa se aproximar cada vez mais das empresas e dos negócios específicos. Embora cuide de infraestrutura, tenho participado de algumas conversas com o pessoal de negócio, para poder entender um pouco mais o desafio e as necessidades deles.

IH – E você consegue algum grau de automatização da gestão da rede em função dessas diferentes demandas

e desses diferentes perfis das empresas?

Ivan – A gente consegue, sim. Apesar desse perfil diferente, em uma parte dessa rede você consegue introduzir automatização até como um diferencial para poder ser competitivo. No custeio, fica o desafio de que cada um pague só por aquela fatia do que ele usa no nosso gerenciamento. A gente tem buscado algumas soluções de mercado com empresas não tão maduras ainda, mas que têm ideias e produtos promissores. A gente tem buscado muita alternativa de provisionamento como software, tanto de rede quanto de servidores e de storage. Então, há uma camada única, para poder provisionar isso como software e poder ser mais competitivo para todos.

IH – Você pode nos contar quais são os problemas mais sérios que vocês têm tido que enfrentar?

Ivan – Acho que o grande desafio que a gente tem enfrentado é o papel consultivo da TI. O negócio hoje tem acesso a muita informação, aos próprios fornecedores, que muitas

vezes vão conhecer os diretores e a gente tem sido constantemente desafiado pelo negócio a uma postura muito mais consultiva. Hoje qualquer indisponibilidade na rede tem um grau de estrago muito grande. Essa abrangência, dada a convergência das coisas, depende do que está na rede. Rede decididamente é um assunto que tira o nosso sono. Se o meu backbone central para, todos os negócios da empresa são afetados, não tem jeito. Então é um assunto que está em constante discussão e são discussões de alta temperatura sobre como a gente vai lidar com isso. Os investimentos não são baixos para poder fazer o acompanhamento de tudo isso que está convergindo: é muito streaming de vídeo, rede social, mensagens de texto, mensagens de Whatsapp, com imagens, com vídeos. Já tem 1.500 pessoas em home office e vamos chegar a 3 mil pessoas, e quem está em home office quer a mesma experiência de quem está na empresa. Então a gente tem enfrentado alguns problemas

para entender o que acontece na casa do funcionário. A voz está embarcada também num aplicativo, é um softphone. Então, a experiência no Wi-Fi na casa dele tem que ser limpa e tem uma série de regras para que não haja interferência de qualquer outro elemento dentro da casa. É um tremendo desafio, porque, com a Internet das Coisas, a televisão é smart, a torradeira é smart, a geladeira é smart. Da borda para dentro da Porto, tudo bem. Mas da borda para fora, por mais que a gente tente e faça coisas pontuais, não consegue ser tão proativo como gostaria. Esse é o grande desafio.

Marcio – Você tem SLAs definidos para todos os serviços ou é tudo 100%? Se tem alguma parada, ela é entendida?

Ivan – Nós temos acordos internos com os negócios. É tudo colocado numa cesta: hoje temos 72 aplicações ou produtos que têm um SLA definido, que estão nessa cesta e a gente mede como um índice de disponibilidade da Porto Seguro. Mensalmente ou a cada bimestre é levado ao CTI, que é o conselho de tecnologia, e é apresentado para a empresa. Essa medida é feita com base no downtime, de acordo com a severidade de um incidente que parou aquele ambiente, aquele produto ou aquele segmento de negócio num horário útil, também previamente estabelecido nesse SLA. Eu tenho a conta direta do downtime. Quando é uma indisponibilidade



fotos Hamilton Pena

“Antigamente, muito do nosso ambiente crítico estava dentro do nosso datacenter, dentro de casa, e agora não está mais”.

Marcelo, da Alelo

total – parou o serviço de orçamento de automóvel, ninguém orça, cada hora de downtime é debitada. Se ele está degradado, é três para uma, ou seja, cada três horas debita uma hora do downtime. Nós temos uma reunião semanal, que a gente chama de “reza da TI” [risos]. Nessa reunião, nós vamos prestar contas para a diretoria, dizendo o que aconteceu e o que está sendo feito para que isso não ocorra novamente. E somos muito intolerantes quando não se sabe exatamente o que aconteceu, mais até do que a falha em si.



“Embora cuide de infraestrutura, tenho participado de algumas conversas com o pessoal de negócio, para poder entender um pouco mais o desafio e as necessidades deles”.

Ivan, da Porto Seguro





fotos hamilton para



“A gente normalmente relata um incidente quando a redundância não funciona. Mas a gente passou a relatar os incidentes quando a redundância funciona”.

Waldemar, do Bradesco



Marcelo – A gente trabalha muito com a questão do que é o ambiente crítico para o nosso negócio. Na Alelo, autorização é uma questão crítica. Ter o pessoal do atendimento, no ambiente dele, é crítico para o negócio e precisamos ter a robustez necessária. Quando alguns elementos que garantem a robustez não estão dentro da nossa casa, mas dentro da casa do colaborador, isso

traz um desafio diferente. Antigamente, muito do nosso ambiente crítico estava dentro do nosso datacenter, dentro de casa, e agora não está mais. Então acho que o grande desafio é como você passa essa realidade do ambiente crítico de negócio além das nossas fronteiras e você gestiona isso para ter a disponibilidade que o negócio precisa.

André – Outro ponto que se soma a isso é que as regras têm que ficar mais flexíveis. A gente veio por anos com um ambiente muito rígido, onde havia uma separação clara do que era corporativo e do que era a vida privada. Essas coisas hoje não têm limites definidos, é difícil falar onde começa a vida privada e onde começa a vida profissional. Ele tem uma experiência em casa, por exemplo, com o Netflix, que funciona, então como falar que a banda larga dele tem um problema se ele consegue ver filmes em streaming sem problema? Então como é que a VPN dele não funciona e ele tem problema com voz? É difícil conseguir explicar esse tipo de coisa. Isso faz também com que o nosso pessoal tenha que estar preparado para outro tipo de suporte, vai ter que entender o lado do cliente, entender o que a pessoa está usando na casa dela e que tipo de infraestrutura tem ali. Antigamente, a

gente podia dizer que isso não era problema nosso. Os investimentos necessários para manter a segurança de antes, quando era tudo controlado, passam a ser muito maiores e mais complexos. Talvez um dos maiores desafios seja tentar manter esses ambientes com alguma separação pelo menos lógica ou em termos de custo, onde você consegue explicar o que está sendo feito. Caso contrário, o grau de expectativa que existe dos colaboradores não é atendido.

Waldemar – Hoje a rede está muito em pé de igualdade com a segurança e com o aumento da área de compliance: são duas coisas que tiram efetivamente o sono, porque a gente tem que manter uma preocupação excessiva com essa questão da segurança, para manter a disponibilidade. Você fica muito vulnerável pela área de contato existente. Periodicamente, a rede é um pouco menos exigente quanto à atualização, comparada com a segurança, mas acho que são dois temas que fazem qualquer instituição ter um aporte financeiro grande e uma preocupação grande com a cultura dos funcionários. A gente sabe que a cultura dos funcionários, não só da TI, mas de fora da TI, tem contribuído muito para deixar os sistemas mais vulneráveis.

Helton – Hoje, as pessoas têm em casa equipamentos muito melhores do que os que têm na empresa. O sujeito tem um notebook em casa, aperta um botão e em menos de um minuto está trabalhando. Já quando liga o laptop dele da empresa, passam cinco minutos e não deu o login ainda. Ele dá o login e, até subir tudo que tem que subir, ele fala: “Como é que eu vou trabalhar nisso?”.

Luiz Gustavo – Hoje a Aon tem 1.200 funcionários, tem oito escritórios espalhados pelo Brasil. Então, qualquer estratégia que eu vá fazer para otimizar a rede, para garantir segurança e estabilidade, tem que passar por premissas básicas, que hoje são bem complexas de justificar. Por exemplo, o custo de um link para eu poder ter alta velocidade, performance e ainda redundância é muito alto, é difícil justificar para o board. Se preciso fazer upgrade nos computadores da empresa, o sujeito tem uma experiência de casa e vai dizer: “Eu compro um notebook melhor e mais barato no varejo”. Mas os notebooks que eu tenho que comprar por causa de chipset, por causa de compliance com segurança e com as diretrizes corporativas custam muito mais. Então esse é o grande desafio: conseguir mostrar o valor do investimento.

Ivan – Segurança hoje é um guarda-chuva, não é mais uma ou outra solução. Quando a gente fala em rede, eu tenho que manter minhas vulnerabilidades conhecidas, mitigadas ou resolvidas. Então a segurança é um assunto corporativo, não mais um assunto de TI, tem o comportamento de quem usa, a conscientização e a questão do equilíbrio, porque o negócio quer agilidade e velocidade. Então é um tema muito mais voltado para monitorar o comportamento, verificar os desvios e tentar atuar, porque hoje a gente não consegue mais olhar tudo. O profissional de segurança da informação tem que ser muito completo, muito antenado. O futuro é cada vez mais wireless nas empresas. Fizemos um prédio, o primeiro da América Latina, 100% wireless, um prédio que usa 5G e não tem cabo para nada, nem para telefone, nem para impressora, é totalmente wireless, e é claro que se tornou um desafio de segurança. A gente acabou quebrando um paradigma: hoje o nosso prédio mais seguro é justamente esse. É mais seguro que a rede cabeada, inclusive contra interferência. Caso ocorra uma interferência, as antenas identificam e fazem uma contramedida automaticamente.

IH – Os elementos da rede têm a capacidade de informar automaticamente a vocês quando não estão adequados à política de segurança das empresas? Isso poderia tirar um peso tremendo das costas de vocês.

Waldemar – A gente adotou uma estratégia de arquitetura que, infelizmente, é um pouco mais cara, mas precisou ser adotada pelo tamanho e pela dimensão que o banco tem. A gente acabou segregando algumas áreas, a Internet pessoa física, a Internet pessoa jurídica e os acessos corporativos. Todas são completamente independentes. Os acessos às empresas externas que são parceiras e às empresas de desenvolvimento também são independentes. Você consegue ter uma reação tanto na questão de disponibilidade quanto na questão de SLAs e de segurança mais adequada. Cada uma dessas torres tem níveis de atualização tecnológica um pouco diferentes, porque elas não foram feitas todas ao mesmo tempo: as mais atuais têm equipamentos que permitem identificar de forma automática determinados tipos de acesso e fazer determinadas mitigações, desde a do DoS, até os ataques mais intencionais de invasão mesmo, que precisam ser olhados de uma

forma que varia em todas as camadas do protocolo. Aí é onde mora o maior perigo, é um tipo de desafio de segurança que esteja numa camada mais superior, onde fica mais complexo você identificar. As informações chegam criptografadas. Como é que você faz para analisar se dentro dessas informações criptografadas tem alguma impureza ou não?

IH – Acaba sendo uma faca de dois gumes.

Waldemar – Você tem que abrir para olhar e na hora em que você abre, perde também. Trabalhando em camadas, a gente acaba conseguindo ser satisfatório nessas questões. A gente não pode falar que a segurança é 100%, nunca vai ser, mas você tem que perseguir dia a dia e evoluir principalmente na questão de preparação da equipe. A gente fala muito em processos, fala muito em atualização tecnológica, não só atualização de versões, mas ter equipamentos up-to-date. Mas o trabalho de formação de equipe é um trabalho longo e determinado. Nós no banco temos a felicidade de ter a Fundação Bradesco, que tem uma grande formação tecnológica, onde a gente pega os meninos desde o começo de carreira e faz essa formação com programas de trainee, incentivando a fazer os melhores cursos nas

melhores escolas, para que a gente tenha uma estrutura tecnológica muito bem embasada. É um ponto de extrema relevância.

Helton – Existem hoje equipamentos que conseguem identificar numa rede wireless qual é o sistema operacional, que versão ele está usando, se é de um funcionário ou não. O que eu preciso fazer para chegar nisso? Preciso investir no parque tecnológico. Mas não dá para fazer isso de uma vez, então eu consigo dar essa solução no prédio administrativo, na torre 1 ou na torre 2, mas não dá para abranger tudo num primeiro momento. Por outro lado, existe um protocolo na rede, que se chama SNMP, pelo qual você consegue vasculhar tudo que acontece dentro da sua rede, e existem empresas que têm soluções para ler esse protocolo e ajudar você a tomar algumas decisões. Mas em geral começa a vir uma enxurrada de alertas e uma enxurrada de alertas não alerta nada, porque você não consegue olhar. Aí entramos no tema da capacitação: quantas pessoas capacitadas eu preciso ter para definir e priorizar os diferentes alertas e até onde elas conseguem chegar? Acho que tudo começa por uma política bem definida e aprovada pela corporação como um todo, de que algumas coisas têm

que ser respeitadas, como, por exemplo, a vida útil de um equipamento. Às vezes dá dó trocar um equipamento de dois ou três anos, porque está na política e ele ainda está bom, mas a nova tecnologia está chegando. Se eu não começar a trocar agora, não consigo completar o ciclo para daqui um ou dois anos e implementar uma solução nova. Quando se fala em rede, tudo é complicado. As operadoras não entregam um bom serviço e a gente fica refém, pagando valores absurdos para ter redundância e às vezes não tem redundância nenhuma.

Luiz Gustavo – De fato, como você vai conseguir provar que tem que trocar um equipamento que ninguém vê, está lá escondido no datacenter, se o board está preocupado com receita? Você tem que dizer: se não trocar esse equipamento, vai ter um ataque de hacker. O pessoal do board vai dizer: a gente nunca passou por isso, por que vai passar agora, por que eu vou investir milhões agora em equipamento, se eu posso colocar esse dinheiro na área comercial para vender mais? A infraestrutura de TI é encarada como se fosse saneamento básico, está lá embaixo, ninguém vê, só vai ver quando explodir alguma coisa. A segurança corporativa é infinitamente mais cara do que a experiência que o usuário tem



“O custo de um link para eu poder ter alta velocidade, performance e ainda redundância é muito alto, é difícil justificar para o board”.

Luiz Gustavo, da Aon

em casa. Esse é o desafio principal: como é que você prova?

IH – Para quem trabalha num banco deveria ser fácil.

Luiz Gustavo – Mas banco já tem essa cultura, vê essa inovação tecnológica há mais de 20 anos. O varejo está começando agora. O mundo de seguros está engatinhando.

Ivan – Acho importante aqui contarmos um pouco do que





fotos hamilton pena



“A gente só consegue automatizar se tem uma padronização de processos e de equipamentos”.

Helton, da Assurant



estamos fazendo, até para poder trocar experiências. A minha pergunta para o Helton é: qual é a política de troca de equipamentos vigente na sua empresa? Porque, no meu ponto de vista, isso não vai mudar, muito ao contrário. Esse é o nosso desafio. Eu tenho lá 3 mil equipamentos com seis anos de uso, que estão performando, e eu tenho que fazer uma gestão de vulnerabilidade muito mais forte. Isso não vai mudar. Não vai chegar o board agora dizendo que acabou a crise vamos trocar equipamento todo ano. Isso não tem volta.

Helton – Nós temos a política de troca a cada três anos e buscamos parceiros que oferecem tecnologia embarcada no software e não no hardware. Então a gente consegue implementar novas features sem trocar hardware. Com relação a equipamentos de usuários, a cada três anos a gente faz um leasing, troca de todo mundo.

Waldemar – Na linha do que o Ivan colocou, de compartilhar as melhores práticas, uma das coisas que a gente notou lá é como você convence o pessoal a investir mais, por exemplo, em redundância. A gente normalmente relata um incidente quando a redundância não funciona. Mas a gente passou a relatar os incidentes quando a redundância funciona. Na área de infraestrutura como um todo, que tem 2 mil funcionários, a gente reúne aproximadamente 110 pessoas todo dia, das 8h às 8h15, para compartilhar os incidentes e as ações que precisam ser tomadas imediatamente. E é relatado aquilo em que a redundância funcionou, ou seja, que não salvou, um cluster ou um link de comunicação e assim por diante. Semanalmente a gente relata para a diretoria executiva e para o conselho do banco as principais mudanças de sistema e

as principais ocorrências, levando em conta também aquilo que não salvou. Isso dá uma agenda mais positiva para que a gente não seja visto só como o gastão da turma.

IH – Existe alguma incidência que seja mais recorrente, que você possa nos contar?

Waldemar – Existe. Como temos a rede distribuída pelo país todo, pelo tempo de convergência dessa rede, é cada vez mais difícil identificar o momento em que houve a falha no link. E nem sempre a aplicação está preparada para reconhecer que está havendo uma falha. Então, se na última milha aconteceu uma falha e o resto do link está todo ativo, nem sempre se percebe que está fora do ar e começa a dar erro na aplicação. O que a gente fez para melhorar isso foi uma monitoração de negócio mais pontual nos links mais críticos – não dá para ter em todos –, e aí dá para perceber um erro numa camada superior do protocolo e ter uma atuação.

IH – Mas esse monitoramento é automático?

Waldemar – Tem o monitoramento automático e tem o manual, nos links mais críticos.

André – Também em virtude da distribuição geográfica que a gente tem, o que acaba acontecendo é que um problema para o comercial

é só um problema. Dois já viram uma crise. Quando você tem milhões de pontos, acaba tendo o caos praticamente todos os dias. A medição interna acaba dando uma noção inexata do que acontece, a percepção era de que estava tudo bem, o problema era que você não sabia o quanto tinha morrido na ponta e não tinha chegado a você. Foi aí que a gente começou a perceber que tinha que ter uma medição partindo da ponta. Você pode fazer curvas que demonstram que está abaixo do que deveria estar e a partir daí trazer alarmes. O que a gente começou a perceber, no caso específico de outra empresa, foi que tinha uma monitoração muito melhor do que as operadoras, especialmente de GPRS. Eu conseguia dizer para a operadora quando tinha um problema antes mesmo de ela perceber. Mas isso não vem de uma hora para outra. Primeiro tivemos que romper com aquela história de dizer que está tudo bem, porque final a gente estava medindo com a régua errada. É preciso sair para o outro lado do balcão e medir com o ponto de vista do cliente. Primeiro pensamos que medir 2 milhões de pontos seria impossível. Então a gente colocou inteligência na nossa aplicação: ela comunica o que aconteceu e você recebe uma base de dados. A gente também começou a usar

o Big Data, na verdade um grande datawarehouse para infraestrutura. Além disso, é preciso fazer um trabalho grande com as operadoras. Temos uma série de reguladores que nem sempre regulam do jeito que a gente gostaria: para a Anatel, 95% é um índice bom, para a gente não é. O acordo de parceria entre as operadoras faz com que elas compartilhem infraestruturas, o que causa problemas que a gente não descobre. Quando a gente olha todo esse cenário, começa a medir a partir de outra ponta, entendendo que segurança é por camadas e tem que começar por desenho. Esse é um dos problemas que a gente tem hoje: os nossos sistemas legados não eram acessados de fora, mas de dentro, então tinham uma camada de proteção. O mundo não é amais ssim: ou você desenha pensando em segurança ou tem que colocar todas as camadas. Além disso, as formas de ataques também estão ficando mais inteligentes.

IH – Mas é possível criar uma camada de aplicação única para estabelecer essas políticas de segurança?

André – Única, não. Talvez essa seja a nossa maior falha. Toda vez que a gente procura uma bala de prata, a gente falha. Eu acho que as

soluções são de nicho, para cada problema talvez você tenha que se aproximar com as experiências do passado, mas ao mesmo tempo tem que tomar cuidado para evitar trazer todo o seu preconceito.

Marcelo – Uma coisa importante é sair um pouco da caixinha de infraestrutura. O Waldemar falou que às vezes a gente percebe o problema quando está lá no nível da monitoração de negócio. Isso tem um apelo muito grande dentro das nossas empresas, tem tido um impacto no negócio agora e no final do dia a gente percebe que tem uma questão de infraestrutura. Segurança talvez seja um dos temas que derrubam executivo de tecnologia mais rápido. Então, é preciso fazer uma abordagem mais ampla, que vai além de infraestrutura. É preciso chegar ao desenho da solução, à questão das aplicações, olhar a TI como um todo; isso nos ajuda a evoluir. Não adianta ter a infraestrutura mais segura do mundo se no final do dia a aplicação que roda sobre ela tem um monte de gaps.

IH – Ou seja, você não pode ter um olhar apurado para a infraestrutura se não tiver a dimensão do negócio para fazer a adequação. É isso?

Marcelo – Exatamente.

Helton – Acho importante lembrar que a gente só consegue automatizar se tem uma padronização

de processos e de equipamentos. Então criam-se os perfis, o banco de software, e se associa ao usuário. Logo depois que ele se loga, todos os software a que ele tem direito são instalados na máquina dele. Com isso, você faz com que o seu pessoal se foque em incidentes, se foque em problemas, vá atender coisas mais pontuais. O ganho da automação é esse: você consegue usar melhor os recursos da sua estrutura.

Márcio – No segmento financeiro, grande parte das empresas é regulada, por isso nós temos a área de compliance, a área de segurança da informação e controles internos muito fortes. O que a gente tem feito diante de muitos problemas? Por exemplo, gerenciamento de rede. Hoje a gente tem acesso a roteadores das operadoras, até para conseguir saber se vai cair ou se caiu alguma coisa. O usuário traz equipamentos cada vez mais modernos, e a gente tem redes exclusivas para isso, até porque temos problemas de sinal de celular ali na região. Nós, da área de infraestrutura, somos muito cobrados para não ficar olhando para a infraestrutura: temos que estar preocupados com o negócio. No caso da Cetip, TI faz parte do negócio, faz parte da estratégia da empresa.

“Quando você tem milhões de pontos, acaba tendo o caos praticamente todos os dias”.

André, da Serasa Experian



Ivan – Márcio, o negócio também já está com essa percepção de que a TI é parceira dele?

Márcio – A TI participa de todos os projetos de desenvolvimento de produtos.

Ivan – O produto já vem embarcado na TI?

Márcio – Na hora em que vai nascer o produto, a TI está junto.

Ivan – Mas é uma característica de negócio com um produto tecnológico, um produto digital, vamos dizer assim.

Márcio – Exato. Tecnologia é a nossa fábrica.

IH – O Helton mencionou a necessidade de padronização na gestão do workplace. Isso é mais viável em empresas com foco numa única vertical. Deve ser impossível em grupos que têm mais de uma empresa, em várias verticais, não?

Luiz Gustavo – A gente está nesse caminho, de ter imagens padronizadas e o ganho é absurdo. Em

15 a nova máquina está pronta, porque tem a réplica. Mas aí também vem a contrapartida: quantas imagens e quantos padrões eu tenho que ter, porque a empresa não trocou todos os equipamentos? Um caminho interessante é a virtualização de aplicações. Ao invés de ter que padronizar todo o meu hardware, eu trabalho cada vez mais com as máquinas legadas, com os equipamentos velhos, para deixá-los como terminal burro. Então, é o caso de trocar esse equipamento para deixar o processamento dentro do datacenter, voltar para o antigo tempo do mainframe. O ganho é absurdo.

IH – Usando a nuvem?

Luiz Gustavo – Ainda não usamos muito nuvem, por causa da precariedade da infraestrutura. Por exemplo, como é que eu coloco todo o meu equipamento, todas

as minhas aplicações, toda a minha empresa na nuvem hoje? A empresa é aqui no Itaim [*bairro de São Paulo*]; passa um caminhão, derruba um cabo de fibra ótica, e lá se foram a fibra e a redundância, e a empresa parou. Então eu tenho o datacenter, mas estou falando de tirar o processamento do meu client, do meu desktop, da minha mesa de escritório lá e levar para o datacenter. Aí eu consigo padronizar virtualmente. A nossa experiência tem sido muito boa.

Rodrigo – É muito comum hoje em dia ter virtualização de servidores e virtualização de aplicação. Uma nova tendência no mercado é a virtualização de rede. A infraestrutura de rede é uma atividade fixa e a virtualização roda sobre software. Quando você vai subir um novo servidor, uma nova estrutura,





fotos hamilton pena



“Nós, da área de infraestrutura, somos muito cobrados para não ficar olhando para a infraestrutura: temos que estar preocupados com o negócio”.

Marcio, da Cetip

»» isso tudo vai ser via software, junto com um novo servidor e uma nova aplicação. Ainda não vi cases nesse sentido, mas é uma nova tendência. A gente consultou sobre a possibilidade de fazer a monitoração dos links juntamente com a operadora, mas talvez falte confiança na operadora. Tem diversas ferramentas de monitoração para complementar a ausência de proatividade das operadoras. Em alguns países da América Latina, os links estão caindo com uma frequência muito grande.

Às vezes você acha que tem redundância, mas na verdade não tem, mesmo isso estando em contrato. Neste momento, por exemplo, estou com o Chile quase totalmente indisponível, porque os dois links caíram ao mesmo tempo. E são links de operadoras diferentes, de pontos diferentes e com toda a redundância.

IH – O Ivan se referiu no início à dificuldade de gerir as restrições dos usuários nas diversas formas de acesso à rede. Vocês estabelecem essas restrições por nível hierárquico e isso funciona?

Ivan – A gente tem uma estratégia de rede sem fio, mas, independente de como ficará a rede, existem perfis. Tem uma rede visitante, para a qual tem o marco regulatório, que a gente tem que respeitar. Hoje não dá mais para você dar acesso livre, porque a pessoa pode fazer alguma ação maliciosa a partir do seu ambiente e você é responsabilizado por isso. Então, existe uma autorização e uma regulação, inclusive de tempo de uso: a banda é um pouco mais restrita e tem também um filtro de conteúdo. Para funcionários, não é por nível hierárquico, a gente

tem algumas questões de conscientização. A Porto fomenta o BYOD [*bring your own device*] e o BYOA [*bring your own application*]: não permitimos só que tragam a máquina, mas a aplicação também, o aplicativo vem embarcado no smartphone, no iPad, seja lá em que dispositivo for. Eles usam a rede Wi-Fi para esses dispositivos, essa rede permite saber o que está sendo acessado, quem é, qual o tipo de device, e tem a questão do dimensionamento da rede que muda. Então, a questão de segurança é fundamental, mas também é importante o dimensionamento. Quando vai colocar uma rede Wi-Fi, a gente tem que fazer uma previsão de 2,5 dispositivos por funcionário, coisa que era impensável até pouco tempo atrás. A Porto faz um pouco de monitoramento do comportamento, monitoramento por camada. Faz gestão de vulnerabilidade de aplicação e de infraestruturas de redes. Uma empresa faz mensalmente todas as coletas e a gente vai fazendo constantes atualizações. Então a gente trabalha muito mais na linha da prevenção, mais do que da restrição, que existe, mas dentro de um limite. Você não traz um cara da geração millenium, saindo da faculdade, e diz para ele: “Esse aqui é o seu micro, essa é a sua mesa, esse é o

seu telefone, pode trabalhar”.

Waldemar – Nessa questão da distribuição de direito de acesso em todos os níveis, a gente tem como ordem interna que o gestor da informação é o autorizante para dar direito de acesso ou não. A gente tem uma régua que é estabelecida tanto pela segurança corporativa, que é um par meu, quanto pela segurança lógica, que também fica comigo. A gente estabelece essa régua em comitês e isso vale para a corporação toda. A partir daí, os direitos são estabelecidos por cada um dos gestores. De tempos em tempos, a gente revê isso para verificar se não tem algo que está muito amplo na questão de acesso, no sentido de reduzir a quantidade de pessoas que têm direito de acesso a algumas informações. Acho que essa é uma política interessante, porque você consegue colocar a responsabilidade da segurança no gestor. Eu cito sempre o exemplo do nosso departamento de crédito: nas estações de trabalho desse pessoal, é proibido usar pendrive, em função da criticidade do serviço. Outros departamentos são mais abertos e a gente olha isso com uma severidade maior na questão de monitoração.

IH – A intervenção humana é mais forte.

Waldemar – Isso.

Ivan – Na Porto não é por hierarquia, é por perfil. O dono da informação é o homem que tem um programa que se chama PIS, Proteção da Informação Sensível, a identificação dos donos é pelo perfil também, para corresponsabilizá-los pelo uso da informação.

Helton – Nós implementamos BYOD na empresa em 2011 e a solução que nós demos foi a seguinte: com as operadoras, a gente só fechou o chip, então eu não tinha nenhum tipo de fidelização com a operadora, e com o funcionário existe um nível hierárquico e a partir de determinado nível ele tem cargo de confiança. A partir do momento em que ele tem o cargo de confiança, se ele tem o laptop, subentende-se que ele pode ser acionado a qualquer hora do dia e aí ele tem um subsídio para comprar um smartphone. A única coisa que a gente estabelece é que esse subsídio é dado de dois em dois anos e a gente define um modelo básico. Nós criamos uma camada de segurança dentro do aparelho, e em certas aplicações ele não consegue fazer muita coisa. O resto do que está no aparelho é dele. Com relação à rede, na Assurant funciona assim: a antena

wireless tem a capacidade de distribuir rede para diferentes públicos. A premissa é que todos os nossos sistemas fazem uso do protocolo do Single Sign-On para todo mundo. Todas as aplicações partem do pressuposto de que a pessoa logada já está autenticada. Então, a pessoa abre o laptop, e, se ela está com cabo vai pelo cabo, se ela desconecta o cabo ou tira do dock, em 40 segundos ele pega o sinal, não precisa entrar com login, ele já reconhece automaticamente, já está dentro da rede e funciona tudo com a mesma performance e experiência do cabo. Para visitantes ou para devices pessoais, o sinal é aberto, só se exige a senha da rede. A gente limita a quantidade de devices: algumas pessoas podem ter dois devices, o dela e de um visitante. A gente controla pelo tempo também: devices conhecidos são 30 dias, devices não conhecidos, aqueles eventuais, é um dia. O visitante é obrigado a ter alguém que o receba. Se alguém vai me visitar, eu sou obrigado a pôr a minha senha. O uso da Internet não é liberado 100%, passa por um filtro de conteúdo, passa por análise de tráfego. O elo mais fraco nessa corrente continua sendo as pessoas, é preciso muita conscientização, não adianta você colocar política, não adianta colocar travas.

IH – Uma questão recorrente é o impacto que as ineficiências de rede têm provocado nos processos de inovação dentro das empresas. Vocês conseguem medir ou avaliar esse impacto?

Waldemar – O impacto é significativo. O que a gente estabeleceu internamente é um SLA de resposta rápida, para tentar atender àquela necessidade. Isso vale não só para inovação, mas por exemplo, para a questão da nuvem. A gente teve que melhorar o nosso tempo de entrega de infraestrutura porque a nuvem bate à porta, oferecendo maior agilidade e melhor preço. Então, você precisa considerar e reagir a isso. Na questão de inovação, é a mesma coisa, você precisa estabelecer um processo que tenha um determinado fura-fila, sem atrapalhar aquilo que você precisa entregar. Nesse aspecto, o banco fez um trabalho muito interessante nos últimos dois anos, que, embora esteja um pouco fora da parte de rede, ajuda muito na infraestrutura: fizemos uma seleção das iniciativas corporativas que estavam sendo tomadas. O departamento de cartões ou a seguradora, por exemplo, às vezes se consideram mundos à parte. Só que existem necessidades de outras áreas

também. Foi feito um projeto onde se mede a relação custo-benefício de cada uma das iniciativas de todas as áreas; os executivos sentam e estabelecem uma lista de prioridades. Isso fez com que a gente conseguisse atuar mais na padronização da infraestrutura, e aí se tem um tempo menor de atendimento e mais folga para atender às exceções dos projetos de inovação.

André – Tipicamente, alguém começava a inovação e aí nós éramos de alguma forma o gargalo ou o censor. Isso aconteceu algumas vezes e começou a dar certo na hora em que fomos tentar participar do processo de inovação, contar para eles quais são as regras que a gente tem e se ajudar. Não foi simples num primeiro momento, porque as visões eram bastante antagônicas, o que é normal. Acho que o time de infraestrutura tem a tendência de estar longe do negócio, diferente do de aplicações que está mais perto do dia a dia. O pessoal de rede é o que está até mais longe ainda. Por isso é preciso desenhar as coisas pensando em segurança de saída, não pode ser um acessório. Funcionou na maior parte das vezes, fizemos acordos, colocamos o modelo de monitoração, controle de budget, preparamos o time para isso.

Ivan – Acho que a questão da agilidade, de entregar quando precisa é só um pedaço. Tem o desafio das nuvens privada e pública, quando a gente fala no núcleo da corporação em si. A inovação por si só já preconiza experimentação e erro. Eu tenho que dar um espaço para que se consiga realmente experimentar, subir, cair, descer, enfrentar os problemas. A gente procura ter monitoração para todo mundo que está nas iniciativas: vai um mentor de cada uma das disciplinas, inclusive de segurança e o pessoal de rede, para dar um aconselhamento quando aquilo começa a ser acelerado. Eu não posso limitar a criatividade, afinal a gente criou um ambiente de desenvolvimento livre. Nesse ambiente de desenvolvimento livre, montamos uma infraestrutura virtual, em que as áreas podem criar os seus ambientes, só departamentais. Esse ambiente livre tem uma política e estão começando a consumir esse ambiente, criar máquinas virtuais, criar bancos de dados, buscar APIs, mas é tudo confinado no departamento. Então esse pessoal não consegue entrar na rede, não consegue fazer nenhum tipo de acesso. Pode ser que o que eles estão fazendo não vá dar em nada, mas eu monitoro para ver capacidade, para ver



“É muito comum hoje em dia ter virtualização de servidores e virtualização de aplicação. Uma nova tendência no mercado é a virtualização de rede”.

Rodrigo, da Zurich

se não está tendo nenhum cracker, se não tem nada muito esquisito acontecendo ali. Se um dia quiser trazer para dentro da Porto Seguro, vai passar pelo analista de negócio que atende aquele departamento. Não somos gargalo, somos muito mais consultivos nesse aspecto e o desafio que eu tenho é provocar a equipe para ser inovadora.

Build more than a network Build the Future

A Juniper tem a solução de segurança SDSN (Software Defined Secure Networks) que oferece proteção por meio de todos os componentes de uma rede, indo muito além de firewalls e outros sistemas de prevenção de intrusos. É uma solução única no mercado.

Com automação, sistemas inteligentes e colaboração de diversas fontes na nuvem identifica, localiza e cataloga todas as ameaças e malwares, em tempo real e no mundo todo.

**Tenha redes seguras e não
mais segurança de rede.**

Conheça as Soluções da Juniper Networks:

www.junipernetworks.com.br

www.binarionet.com.br

Tel.: (11) 3704-0480



SECURITY



futurecom 2017

INSPIRING INNOVATION

O maior Evento de Tecnologia e
Telecomunicações da América Latina!

2-5 | **SÃO PAULO**
OUTUBRO | TRANSAMERICA EXPO

SDN

INNOVATION

NFV

BIG DATA

5G

IoT

VIRTUAL
REALITY

SMART CITIES

REGULATION

COMMUNICATION POLICY

SOCIAL NETWORK

CLOUD

SECURITY

DIGITAL TRANSFORMATION

ANALYTICS

www.futurecom.com.br

VOCÊ É A STARTUP MAIS IMPORTANTE QUE PODE CRIAR.

Qual empresa pode se dar ao luxo de desperdiçar tempo e recursos hoje em dia? O mesmo serve para os profissionais. Pensando nisso, a BSP resolveu fazer diferente. Cursos de MBA e de Pós-graduação com carga horária otimizada, com aulas objetivas e que realmente fazem a diferença no seu dia a dia. Se você pensar em si próprio como uma empresa, vai ver que a BSP é a sua melhor opção.



Business School São Paulo
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES*

Direto ao business.

Inscrições abertas.

bsp.edu.br
(11) 5095-5656